

A Deteza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: NILO VAL, PAES DE ANDRADE e A. PAMPHIRO

Nº 115

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1923

Anno X

A ESCOLA DE VETERINARÍA

De novo a imprensa diaria desta capital volta a referir-se á auctorisação dada pelo Poder Legislativo ao Executivo, na cauda orçamentaria, para entregar ao Ministerio da Agricultura a actual Escola de Veterinaria do Exercito (seus edificios, seus laboratorios, seus hospitaes).

Dentro das normas do justo, do rational, não atinamos com as causas que influiram na approvação daquelle acto do Congresso Nacional, que só pôde ser attribuido ao completo desconhecimento das necessidades de ordem militar e do modo proficuo e escrupuloso pelo qual a Escola Veterinaria do Exercito se tem conduzido, prestando os mais assignalados serviços, não apenas ao Exercito, mas ao proprio paiz.

Entregue á criteriosa direcção de um notavel medico militar, auxiliado por projectos especialistas brasileiros e da Missão Militar Francesa contratada pelo nosso Governo, annualmente esse estabelecimento tem fornecido selectas turmas de profissionaes como até ha pouco não tinhamos e que vão prestando serviços de uma importancia que não se poderá occultar e que se tornarão cada vez mais preciosos.

E' possível que a passagem da Escola de Veterinaria do Exercito para o Mi-

nisterio da Agricultura e sua consequente fusão com a escola civil venham a dar resultados maravilhosos; mas, para que tentar uma cousa que é apenas possível, quando já temos uma cousa que é positivamente real?

Demais, a veterinaria militar constitue uma especialidade perfeitamente definida e que, se bem interesse ao meio civil, não é para elle a principal, visto como n'elle são preponderantes as questões relativas ao gado vaccum e lanigero, ao passo que para aquella avultam as questões relativas ao cavalo, que são mesmo a sua razão de ser.

Nem mesmo o lado economico se poderá invocar, tal a insignificancia dos gastos com a Escola de Veterinaria do Exercito, para a qual, se não nos falha a memoria, o orçamento apenas consigna a diminuta verba de 36 contos annuaes.

O Exercito Nacional não pôde prescindir de um quadro de veterinarios militares, quadro cujos serviços têm de ser particularmente necessarios em nosso paiz, visto os serviços preciosissimos que teremos de obter do cavalo e que só elle nos poderá prestar.

Ora, a formação e o preparo desse quadro só ao Exercito compete, pois que só elle pôde saber como preparar o elemento de que precisa, tendo de

fazel-o de um modo que só imperfeita-
mente conviria á industria pecuaria em-
geral, para a qual outras especiali-
dades, no proprio domínio da veteri-
naria, serão as principaes, não se
confundindo absolutamente com as
daquelle.

Ao Ministerio da Agricultura não
poderá ser indiferente a formação dos
veterinários precisos ao paiz, compe-
tindo-lhe naturalmente, não promover
a fusão dos dois cursos ou escolas, mas
sim a diffusão delles pelos centros cria-
dores, de modo á facilitar o desenvol-
vimento da industria pecuaria naci-
onal, tão precisada, ao que parece, de
uma orientação intelligente e positiva.

A Escola Veterinaria do Exercito vae
preenchendo admiravelmente os seus
fins, vae prestando os mais apreciaveis
serviços ao Exercito, com uma despesa
insignificante e um proveito notavel,
de modo que confiamos no alto patrio-
tismo do Governo, que de certo archi-
vará a inconveniente auctorisação le-
gislativa, dessa forma prestando um
grande serviço á nação.

Geralmente, os nossos legisladores
e talvez tambem os dos demais paizes
pois que todos são humanos, se deixam
illudir por certas idéas que são in-
sufladas pelo interesse pessoal, mas
carado de varias formas e por innu-
meros processos, cada qual mais habi-
lidoso, e d'ahi a frequencia com qua-
são prejudicados os interesses na-
cionaes.

Bem pôde ser que no caso as causa-
ssim não se hajam passado e que
melhor das intenções tenha presidido
á execução daquelle acto, mas nem
por isso poderemos libertar-nos da
imperiosa obrigação de appellar para
as altas auctoridades do paiz, certos
de que elles nos escutarão.

A Escola de Veterinaria do Exercito
é um estabelecimento indiscutivelmente
necessario e não deve absolutamente
escapar á direcção immediata e directa
do Ministerio da Guerra, unico meio
de corresponder aos seus fins com a
efficiencia com que o tem feito, em
beneficio, aliás, do Brasil.

A espada e o tiro do official

Assim como já escrevi a favor da tradição, batendo-me pelo restabelecimento da antiga
solemnidade da Continencia á Bandeira; para demonstrar que não sou um retrogrado, mas que sei evoluir n'aquillo que a razão
não condena, venho desta feita protestar
contra o uso da espada, por não a considerar
mais arma de guerra, porem simples re-
presentante historica de antigos costumes e
primitivos habitos marciaes, inadequados ao
nosso tempo e ao nosso meio militar, se ti-
vermos em vista o combate moderno.

Da bainha de couro ensaiada pela derra-
deira vez nos campos de batalha da Man-
dchuria, para evitar a identificação do official
pelo brilho do metal, passou-se a abolir
alli mesmo a espada, das scenas do combate,
substituindo-a ultimamente pelo bastão de

comando. A arma do official passou a ser
exclusivamente a pistola de repetição, cujo
calibre os norte-americanos, baseando-se na
experiencia dos officiaes russos n'aquella
guerra, fixaram em 42 (Colt regulamentar do
Exercito) porque reconheceram que as pis-
tolas de menor calibre, utilizando projécteis
de grande velocidade inicial e encamizados
de aço-nickel ou endurecidos na peripheria
(excepto na base do culote), só punham fôr-
ma de combate o inimigo quando attingido em
logar mortal. Nos assaltos e em geral todas
as vezes que se lutava corpo a corpo, quando
a infantaria armava bayoneta e o official en-
trava em accão com sua arma de fogo de
cano curto, tipo Browning, verificaram-se
innumeros episódios em que o official, depois
mesmo de acertar 4, 5 e 6 tiros em um só

atacante de arma branca, acabava atravésado pela bayoneta deste ou pela sua lança.

Peior, porem, seria se o official estivesse armado de pistola Parabellum, elegante arma de salão e de *sport*, adoptada por des-cuido como arma de guerra do official brasileiro, pois se alguma gota de sereno a não tivesse inutilizado, impedindo seu funcio-namento, é bem provavel que engasgasse logo ao 1.º disparo.

Os nossos multiplos regulamentos fazem vagas referencias sobre a arma do official em campanha, quando se torna preciso dizer taxativamente que em caso de mobilisacão na perspectiva de uma guerra ou em ma-nebras, que é a *guerra de festim*, a espada deve ficar pendurada no nosso lar, como um symbolo veneravel que recorde affectivamente o seu dono. Ao contrario disto, o nosso equipamento Mill's de official traz an-nexa um penduricalho, destinado a receber o peso hostil da espada: seria até uma eco-nomia para a Nação o supprimir essa *châtelaine* de couro.

A espada precisa ser reduzida na sua função pacifico-militar: 1) a um simples adorno de grande gala para os salões — como as que usam os diplomatas — quando conduzida pelo official; 2) a um instrumento de magnifico *sport* militar, onde actúa com o nome de *sabre*, conforme a technica da esgrima. Como adorno, pelo habito, ella apresenta uma elegancia marcial aos guer-reiros, no tempo de paz, dando a illusão a quem os contempla sob vistosos uniformes, de que é com aquele ferro que se com-mandam os soldados e com elle é que se travam lutas de heroismo, como nos tempos cavalheirescos da Idade Media; tem então as mesmas vantagens do nosso pacifico cinto-talabarte — para armar ao effeito.

Como elemento de *sport* militar, taes são as vantagens em prol da cultura physica, que deveria ser obrigatoria para todos os officiaes combatentes a esgrima de espada, methodizada e dirigida com gosto e arte, conforme o excellente livro do actual Tenente-coronel de Artilharia Parga Rodrigues. Qualquer, porem, que fosse a escola adoptada para a esgrima de espada, o go-vernó deveria fornecer todos os petrechos

necessarios a cada uma das unidades do Exercito, em cujos quarteis seria obrigatoria a installação de uma sala d'armas para a pratica desse tradicional, utilissimo e elegante jogo profissional.

Não admira, porem, que isto não esteja regulamentado; pois que tambem, quanto ao tiro do official, apenas ha referencia nos regulamentos de infantaria ao «tiro de animação», utilizando o atirador o fuzil regula-mentar do soldado. Entretanto, devia existir a obrigatoriedade do tiro ao alvo de pistola, uma ou duas vezes por semana para todos os officiaes combatentes, arregimentados ou não, desde o 2.º tenente até o General de Divisão. Longe de assim ser, estamos com algumas pistolas Parabellum distribuidas pelos corpos, a maior parte dos quaes, como no caso do 3.º B/E, não dispõe de muñição para essas armas.

A impossibilidade de manter a officiali-dade em constante treinamento no tiro de pistola, não só reduz a efficiencia individual, como traz logo a consequencia fatal da perda da confiança do atirador na sua arma, pela insegurança de prever a precisão media do seu tiro.

Do exposto, concluo por outras necessi-dades de caracter urgente, alem das que já explicitamente citei:

a) Nomeação de uma commissão de tec-nicos para estudo da melhor arma de fogo portatil, destinada ao uso do official.

b) Adopção do typo que deve substituir a actual pistola Parabellum, tendo em vista que a respectiva munição deve ser fabricada na nossa fabrica de cartuchos, tal como a do fuzil de infantaria.

c) Regulamentação do tiro ao alvo do offi-cial com a sua arma normal de combate.

d) Adaptação do equipamento Mill's ao typo adoptado (assim como ao typo de bi-nóculo, ainda não determinado).

AMILCAR A. B. DE MAGALHÃES

Major de engenhariz

A formação dos officiaes technicos e especialistas da activa e da reserva

Vae-se passando o tempo e o Exercito continua sem possuir o seu quadro technico.

Verdade é que um pequeno numero de officiaes, á custa de seus proprios esforços, tem conseguido se tornarem competencias nesta ou naquelle applicação militar da sciencia; seu merito, porém, que é tanto maior quanto maiores foram as luctas sustentadas, ao desamparo dos poderes publicos, pela aquisição do cabedal technico de que vieram a se tornar possuidores, anda por ahí esquecido, como despresada tem ficado sua cooperação profissional, impossibilitada de apresentar rendimento apreciavel, deante da instabilidade em que sempre se encontram seus possuidores.

Quando chegam a passar pelas fabricas e arsenaes e ás carreiras que o fazem, pois, de um lado, a tropa não cessa de reclamá-los e de outro a exigencia da arregimentação vive periodicamente a afastá-los da actividade scientifica, no interesse futuro de não apresentarem suas fés de officio as allegadas incompatibilidades ás promoções por merecimento. Lembremo-nos que não faz muito tempo as imposições regulamentares do serviço arregimentado privaram a nossa Fabrica de Polvora de Piquete de um especialista consumado que ha quatorze annos dispensava, ao talvez mais importante de seus grupos, uma actividade e uma competencia com pouca facilidade substituiveis.

Se considerarmos então o numero total dos que se têm afastado por este e outros motivos das demais fabricas e arsenaes, deixando em meio o seu aperfeiçoamento technico, aumentando a sinuosidade da curva, já por outras causas sinusoidal do nosso progresso industrial militar, chegaremos á conclusão de que já é mais que tempo de cuidarmos de resolver definitivamente tão importante problema.

Se nos dermos agora ao trabalho de verificar quantos são os officiaes das diferentes armas e serviços que por ahí andam dispersos, e que no entanto constituem um conjunto de technicos e até de especialistas em assumptos diversos, mas todos directamente ligados ás necessidades materiaes das forças de ferro, teremos concluído que um nucleo basico não nos falta para uma organização dos serviços technicos no Exercito; para desenvolver-los basta que tenham exis-

tencia as planejadas escolas technicas e que a formação da reserva technica não fique esquecida.

Eu diria até que uma unica escola desse genero resolveria o problema: um curso geral mais completo, seguido do respectivo curso especial de cada arma, exclusivamente tactico, na Escola Militar ora existente, dando uma base mais que suficiente aos aspirantes que quizessem proseguir seus estudos na *Escola Technica do Exercito*.

Isto traria, além do mais, uma vantagem grande aos regulamentos militares.

A confusão habitual entre a technica e a tactica acabaria a imposição regulamentar de competencia technica aos officiaes de um arma e a sua negação aos de outra, que têm ás vezes, em grau muito maior, se extinguiriam, seguindo-lhes a dissipação de pequenas nuvens que impedem o logico nivelamento intellectual dos que com igual amor e abnegação trabalham em campos tacticos diversos, porém, pelo mesmo fim — a defesa nacional.

Um technico é um especialista em varios ramos de uma ou mais subdivisões da sciencia, cujas applicações se lhe tornaram familiares pela attenção esmerada que elles dedicou, e em cujos dominios a previsão lhe é facil pelo cabedal theorico que accumulou e desenvolveu. Em todas as armas um mesmo technico terá sempre muito que fazer; o rendimento de sua actividade não reverterá em proveito sómente deste ou daquelle serviço militar, mas do Exercito inteiro e, portanto, da nação.

A Escola Technica do Exercito não seria uma escola para formar especialistas desta ou daquelle exclusividade; ella proporcionaria aos seus alumnos a instrução technica geral, de maneira a tornal-los aptos para a pratica da especialização que escolhessem depois.

O seu curso seria de dous annos completos.

No 1.º anno se ensinariam os fundamentos da sciencia e da industria e a applicação destes principios á technica militar.

No segundo se prepararia o oficial para as diversas missões de fiscalização e de direção technica dos estabelecimentos industriais militares e de recepção de material d

guerra importado ou proveniente da industria civil nacional.

O calculo transcendente, como as theorias geraes da mechanica, da physica e da chimica entrariam no programma da escola, mas com o desenvolvimento restricto ás necessidades da parte applicada; esta sim, seria a mais completa possivel e teria um cunho eminentemente pratico: o trabalho das principaes machinas, ferramentas, o exame da resistencia dos diferentes materiaes, o tratamento thermico dos metaes, a montagem dos apparehos e das machinas, o estudo dos geradores e transformadores de energia da metallographia, da chimica metallurgica, da chimica de guerra (comprehendendo polvoras, explosivos, gazes e fumos e pyrotechnia), etc., etc., teriam ali uma realidade.

Para tanto não deveria faltar ao estabelecimento completos e homogenicos gabinetes, laboratorios, officinas e um pequeno campo de demonstrações annexo.

A Escola não avaliaria o grande merecimento dos alunos; a classificação final pelas notas obtidas não seria adoptada: o oficial, ao terminar o curso, estaria ou não habilitado e como tal receberia ou não o seu diploma.

E' logico que um official diplomado não ficaria com a habilidade profissional de um operario, mas teria adquirido a capacidade de dirigir a execução de um trabalho, de prever a sua marcha, os cuidados e o tempo a empregar na sua correcta feitura.

O contacto que o seu curso o obrigaría a ter com o elemento operario nas officinas da escola, deixar-lhe-hia uma boa experiençia e permitir-lhe-hia um bom auto-julgamento, do quanto em tal sentido elle seria depois capaz.

O official habilitado com o curso da Escola Technica do Exercito não teria desde logo nenhuma especialisaçao; elle iria servir addido em uma fabrica ou arsenal, onde mais desenvolvida se achasse a especialidade para que se sentisse inclinado, durante douos ou tres annos. Isto lhe daria conhecimento de causa e oriental-o-hia em definitivo para a exclusividade a que se quizesse entregar.

Depois, então, no paiz ou no estrangeiro, o governo lhe facultaria o aperfeiçoamento completo no ramo industrial que tivesse escolhido. E dessa escola final de applicação, onde, sob a direcção de authenticos mestres, o official technico iria se transfor-

mar no especialista de amanhã, elle voltaria com o certificado de competencia de mestre, testemunhado porém, pela apresentação de um producto por elle fabricado com a materia prima de que elle proprio tivesse feito o tratamento.

O technico, que antes sabia dirigir a execução de um trabalho, então, como especialista, saberia não só dirigir, mas executar.

Dirão que este processo de formação do quadro de technicos e especialistas é moroso e caro: é moroso só quanto á formação dos primeiros, pois que os de maiores virão aumentar anualmente o numero dos que existirem: é caro, mas sahirá no fim barato, pois da independencia que resultará para a nossa industria militar, é consequente a economia obtida pela não saída de ouro do paiz, para as constantes compras de material bellico que somos obrigados a fazer no estrangeiro.

A formação dos officiaes technicos e especialistas da reserva é questão apenas de se dar modalidade nova á instrucção militar actualmente ministrada nos estabelecimentos technicos de ensino.

Em vez de um instructor incumbido de preparar os alunos para reservistas geraes do Exercito, o governo manteria junto das escolas polytechnicas ou de engenharia, dos cursos de electricidade, de chimica industrial, de mechanica practica, etc., uma pequena missão militar, composta de officiaes professores, aos quaes se subordinariam um ou mais sargentos instructores.

Como professores poderiam ser aproveitados engenheiros militares da reserva de competencia provada durante sua permanencia na activa ou então officiaes do quadro technico, sem prejuizo do serviço. Uma instrucção militar theorica geral, sensivelmente commun a todas as armas, seguida da instrucção technica correspondente ao ensino da escola, seria acompanhada anno a anno atravez de todo o curso pela instrucção practica militar que os inferiores dariam.

Os principios estudados em mechanica seriam applicados aos materiaes da artilleria; em hydraulica, aos freios e recuperadores; em electricidade, ás telecomunicacões militares, além das muitissimas outras applicações; em chimica, aos explosivos e polvoras, aos gazes de guerra, fumaças, chamas, analyses das matérias primas empregadas na fabricação das munições, etc., etc., etc.

Quando o alumno terminasse o curso respectivo, estaria ao mesmo tempo um per-

feito tecnico militar; seis semanas de manobras especiaes completariam no campo sua habilitação para receber conjuntamente com o diploma de seu curso a merecida patente de oficial tecnico da reserva do Exercito.

Sua posterior especialização na vida civil fal-o-hia um especialista junto dos da activa, quando uma possível mobilização o emergisse.

Não é facil tal adaptação entre nós do que fazem hoje os americanos do norte nas suas

principaes escolas scientificas, para manter sempre sangue novo no seu R. O. T. C (Reserve Officers Training Corps) ?

Seja de que maneira for, o que não podemos é retardar mais a formação dos nossos technicos e especialistas da activa e da reserva.

Já é tempo de começarmos a praticar as lições da grande guerra. Sejamos, a menos, sensatos.

ALVARO DE B. CARVALHO
Tenente-Coronel Professor

O bastão de S. Antonio

1710

Foi ha 312 annos que frei Leonardo de Jesus lançou no coração da nascente cidade do Rio de Janeiro, no governo de Mem de Sá, o convento de S. Antonio, erigido no morro do mesmo nome, em hora e homenagem a Antonio de Lisboa e patriarcha de Padua, major em 1610, tenente-coronel quatro annos depois, condecorado com a cruz de Christo e um dos mais illustres varões da Egreja.

Edificio de belleza architectonica de antiga esthetica, construído em um outeiro do centro da cidade, de tão brilhante existencia, ainda hoje, está em magnifico estado de conservação e já serviu de aquartellamento a um dos nossos batalhões do exercito, ao qual pertenci como oficial.

Governava a Capitania do Rio de Janeiro Francisco de Castro Moraes, quando a esquadra francesa do Capitão Carlos Duclerc, a 5 de Setembro de 1710, com mil homens de desembarque, apareceu á barra da bahia do Rio de Janeiro e desembarcou forças no porto de Guaratyba, que marcharam por terra até o trapiche da Ordem.

Sabendo de sua approximação, o governador preparou-se com os poucos elementos de que dispunha para defender a cidade, mas, em vez de sahir-lhes ao encontro, correu para o Convento de S. Antonio, com receio de ser aprisionado, implorando o patrocínio de seu insigne orago.

O provincial do Convento, diante de tanta covardia, retirando da imagem o *rico bastão*, entregou-o ao governador para que com elle fosse repellir os franceses.

O invasor penetrou na cidade sem dar um tiro e dirigiu-se para o palacio do governo que teria ocupado, se o irmão do governador, Gregorio de Castro Moraes, dotado de coragem, não o defendesse, durante três horas, até cahir morto por duas balas francesas.

Esta resistencia fez com que despertassem então, os brios do governador, que accidiu com as forças que reuniu.

O capitão Duclerc perdia já 400 homens quando, novamente atacado, resolveu entrar cheirar-se no trapiche, que, tendo em armazem grande quantidade de polvora fôrmandado incendiar pelo governador. Duclerc capitulou vencido com os seus..

Prisioneiros os invasores, o capitão Duclerc, que teve a cidade por menagem, foi depois encontrado morto na casa que lhe serviu de prisão, sem que nunca se descobrisse o autor de tão monstruosa covardia; o que serviu de pretexto para a vingança que os franceses tomaram, sob o impulso de um patriotismo sublevado, enviando a expedição do celebre corsario Almirante Duguay Trouin, um dos maiores homens do mar que a França tinha naquelles tempos, para vingar os seus compatriotas e reparar a derrota de Duclerc.

Animado pelo Rei Luiz XIV e auxiliado pelo commercio de S. Malo, armou o Almirante 16 navios e embarcou 4.500 soldados e marinheiros. Logo ao entrar na bahia, travou combate e prendeu 300 homens, mas aposou-se da Ilha das Cobras, onde se fortificou e apoderou-se dos navios mercantes, ocupando a cidade, até que a 10 de Outubro obri-

gou o governador a assignar o convenio que poderia ter evitado se esse governador estivesse, por mais 24 horas, a chegada de tres mil homens de tropas de Minas Geraes, comandadas pelo governador dessa capitania, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que veio em seu socorro e que teria repelido o temerario invasor.

A 13 de outubro, tudo do mesmo anno, voltou o Almirante Trouin para a França com a sua esquadra, levando os prisioneiros da expedição Duclerc, 610 mil crusados em moeda e 500 caixas de assucar como contribuição de guerra. Avalia-se, entretanto, em mais de seis mil contos os prejuízos dos particulares com o combate e a ocupação dos franceses, alem de toda a esquadra, que foi

encalhada e parte incendiada no porto da cidade.

No Convento de S. Antonio, foi sepultado o valente Gregorio de Castro Moraes. Também ali ficaram os restos mortais do infante D. João, primogenito de D. Pedro 1.º; D. Afonso e D. Pedro, filhos de D. Pedro 2.º, e de outras personagens illustres. — Habitaram-n'ho homens distintos pelas suas virtudes e sciencia e até bem poucos annos, entre elles, o estadista do antigo regimem dr. Antonio Ferreira Viana. Tem servido tambem de residencia gratuita a muitos estudantes de pobres familias, alguns dos quaes se formaram, como o dr. Orestes de Aguiar, alto funcionario da Prefeitura Municipal.

MARECHAL CARLOS DE CAMPOS

SERVIÇOS DE INTENDÊNCIA MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Cumpre á Intendencia da Guerra estar sempre em condições de lhe ser possivel provér a todas as necessidades materiaes do Exercito, especialmente no que concerne aos reabastecimentos de viveres e forragens no decorrer das tres phases importantes:

Cobertura;
Mobilização e concentração;
Operações activas.

Quando as relações diplomaticas entre duas ou mais Nações soffrem perturbações, em virtude de acontecimentos internacionaes de certa monta, pode um tal estado aggravar-se, ao ponto de produzir o que vulgarmente se denomina de *Tensão Política*. Esta será sempre uma situação melindrosa para a vida das Nações, que têm o dever de prudentemente tomar uma serie de medidas politicas e diplomaticas; economicas e financeiras; ou ainda militares e navaes, tendentes a evitar qualquer surpresa desagradavel ou a mantel-las em estado de reagir efficazmente contra qualquer acto, que o desenrolar dos factos possa produzir em desabono de suas soberanias. Assim, pois, desde que a tensão política entre paizes limitrophes chegue a ponto de patentear, aos seus governos, as probabilidades de uma guerra, forças de cobertura são logo mandadas guarnecer as fronteiras que devem ficar em perfeito estado de resistencia.

Será, então, um theatro de operações que antecede á declaração de guerra, á ordem

de mobilização geral ou á effectiva abertura de hostilidades. Nestas condições, tem-se de organizar-lhe o Alto Commando, provendo-o de todos os Orgãos e Serviços, de accordo com a importancia e a amplitude requeridas pela cobertura em questão.

Suas tropas têm por missão principal garantir a inviolabilidade do territorio patrio, durante o tempo necessario á execução dos planos de mobilização e concentração, como á execução das evacuações de riquezas porventura ameaçadas por qualquer incursão atrevida de inimigo ousado. Desde que a execução destes planos demandem mais tempo do que o indispensavel ao inimigo para analogamente realizar, por seu lado, a mobilização e a concentração, evidente se torna então a necessidade de proteger a fronteira o mais solidamente possível. Dependendo ainda o efectivo e apparelhamento bellico desta cobertura da extensão e natureza topographica da fronteira, comprehende-se logo qual o desenvolvimento que deve ter sua organisação e, por consequencia, os seus correspondentes Serviços. Especialmente a Intendencia da Guerra deve estar em condições de attender, sem delongas prejudiciaes, a todas as necessidades das forças de cobertura, nunca esquecendo que terá, em breve, de attender á satisfação das necessidades da mobilização e concentração. Paralellamente a tais reabastecimentos, a Intendencia da Guerra terá, ao mesmo tempo, de prever e

executar medidas tendentes á constituição dos armazens da base primaria de operações (estações armazens), como tambem á organisação do escalonamento dos stocks das futuras linhas de comunicações, sem esquecer a direcção das correntes de evacuações de rebanhos e riquezas das zonas ameaçadas por incursões inimigas. Quasi innumeraveis são, pois, os pesados encargos da Intendencia da Guerra, cuja perfeita organisação, preparo especial e previsões de toda a ordem não podem deixar de ser iniciados nos tempos calmos de paz, assim de que, na guerra, nada mais reste que pôr em pratica regras e ensinamentos já estudados e experimentados de longa data.

Não só a Intendencia Geral da Guerra, como tambem as Intendencias Regionaes e todos os corpos de tropa devem estar providos, desde o tempo de paz, de orgãos praticos e de meios materiaes que lhes permittam, immediatamente apóz a notificação de uma ordem de cobertura, attender ás urgentes necessidades requeridas pela execução dos correspondentes planos. Em taes circumstancias, o pessoal de uma Intendencia Regional de fronteira, desdobra-se logo em duas partes: uma que segue para seu posto junto á força de cobertura e a qual, portanto, representa já o Serviço de Intendencia em Campanha; outra que permanece em seu posto regional. Esta, ao mesmo tempo que se encarrega de fornecer á outra aquillo que a exploração local não pode dar-lhe, trata logo de situar ou accommodar tudo que haja sido evacuado da fronteira, sem esquecer de preparar os reabastecimentos para o proximo periodo de mobilisação e de concentração.

Para fixar ideias, devemos dizer que supomos disporem os corpos, designados como partes constituintes das tropas de cobertura, dos seguintes orgãos praticos e material abaixo: —

a) — Fardamento, equipamento, arreiamento e material de acampamento para seu efectivo de guerra;

b) — Orgãos de transporte, como sejam T/R; isto é, T/E e T/C, sem esquecer as cosinhas rolantes;

c) — Viveres de reserva para o homem e T/C; rações ordinarias para T/E, devendo tudo isto principalmente provir dos armazens do Serviço das Subsistencias;

d) — Fundos para pagamentos e adeantamentos a officiaes e praças que tenham de abonar suas famílias.

Estes corpos, que ainda mantêm, e tempos de paz, os mesmos elementos praticos acima discriminados e exclusivamente pertencentes aos seus estados maiores e servicos, fazem a estes entrega de um tal material.

A Intendencia Regional não deve, tanto pouco, fazer mais do que reunir seu pessoal e material, organisados desde o tempo de paz, assim de constituir seus meios praticos de acção immediata. Quanto ao pessoal das suas reservas, a reunião é facil pela convocação feita por editaes publicos. Outro tanto já se não poderá afirmar quando se tratar de viveres, forragens, meios de transportes, etc.

Neste caso, é preciso contar, ao menos nos primeiros momentos, com materiaes viveres, forragens, meios de transportes previamente constituidos, organisados com longa antecedencia e permanentemente mantidos e renovados, desde o tempo de paz. Uma tal providencia é inquestionavelmente indispensavel, porque o direito de requisições só se deverá decretar mais tarde, por occasião da mobilisação, e porque as aquisições de recursos por processos amigaveis ou do contracto vulgar, em periodo agudo de tensão politica, são onerosos e de rendimento duvidoso. Semelhantemente, pode-se repetir a mesma asserção quanto á aquisição dos meios de transporte, quer se trate da simples locação de viaturas, quer de entendimentos com empresas de transportes nos grandes centros industriaes e commerciaes do paiz. Assim, pois, mandam a prudencia e o boim senso que nunca se descurte, ao menos em parte, a prévia constituição de stocks em viveres, forragens, fardamento, equipamento, etc., e meios de transporte, mantidos e renovados permanentemente, desde o tempo de paz. A importancia de taes stocks e meios materiaes variam naturalmente com a estructura do plano de cobertura, onde se acham indicados efectivos, locaes, pontos de apoio ou fortificados, cabeças de pontes, etc., e natureza das missões, como tambem a menor delonga em que taes posições tenham de ser occupadas.

Em vista de taes fins, deve a Intendencia da Guerra, desde a paz, escalonar convenientemente os armazens de viveres e forragens do seu Serviço de Subsistencias, mantendo sempre, nos depositos centraes, stocks de guerra em fardamento, equipamento, arreiamento, material de acampamento e matérias diversas, sem que isto desobrigue os corpos de tropa de igualmente

mantarem, em suas arrecadações, stocks semelhantes, dos mesmos artigos.

Só assim as urgentes ordens, que a necessidade de uma cobertura deve provocar, poderão ser executadas com a devida presteza e exatidão, que os respectivos planos não podem deixar de prever e de genericamente indicar.

Por outro lado, ve-se desde já a importância e o valor da manutenção, em permanência, do Serviço de Subsistências, pela Intendencia da Guerra. Não sómente é elle que lhe permite attender com presteza ás primeiras necessidades da tropa, como é este Serviço que, durante a paz, facilita os meios

para a instrução e treinamento de todos. Assim como se reconhecem as vantagens de bem instruir a tropa por continuos exercícios táticos das armas correspondentes, assim também não se pode obscurecer o proveito que resulta do funcionamento permanente do Serviço de Subsistências para o completo da instrução militar. Ter-se-á, então, uma escola para a instrução dos Quadros do Corpo da Intendencia e dos Serviços dos corpos de tropa, que se familiarizarão com os procedimentos usados em campanha, desde o tempo de paz.

General grad. ABRILINO PINTO BANDEIRA
Intendente da Guerra

MECHANICA DE REPAROS

Neuhum artilheiro poderá dispensar o conhecimento da mechanica dos reparos quando dirigir seus trabalhos para um material de artilharia, visando, quer o rolagem do reparo, quer sua estabilidade e sua relação com as forças que a bocca de fogo desenvolve sobre elle. O conhecimento da mechanica dos reparos para o estudo geral desse numero de questões que me refiro, deve ser de todo o artilheiro. A parte dessa mechanica ligada á sua construcção, já pertence mais á technica.

A parte referente ás forças que actuam nas conteiras dos canhões e as que se desenvolvem nos reparos por effeito das posições que a bocca de fogo pode ter em torno dos munhões, pode fazer parte da bagagem de qualquer artilheiro.

A falta desse conhecimento pode até impedir que um artilheiro traga a um material um melhoramento qualquer. Um artilheiro timido poderá muito bem deixar de dar ao seu canhão uma certa posição para melhorar o alcance, com receio desse insucesso. Ora, em nossas escolas militares ensinaram-nos, bem ou mal ás vezes, calculo transcendent, mechanica e balistica elementar. Qual é, pois, o artilheiro que de posse desses conhecimentos não pode estudar mechanica dos reparos?

A mechanica e a balistica são dois conhecimentos inherentes ao artilheiro. Somente a razão de se conhecer mechanica dos reparos e balistica, justifica o ensino em nossas escolas

do calculo transcendent, mechanica e resistencia dos materiaes.

O autor destas linhas, quando saiu da escola, não sabia nada de balistica e muito menos de mechanica dos reparos, e nunca ouvira fallar nessa coisa complicada.

Estudando o material de artilharia de costa, viu-se obrigado a entrar nesses assuntos novos.

Vou agora contar como me surgiu essa necessidade.

Ha nas fortalezas de São João e Santa Cruz um excellente material Krupp de calibre 150^m/m. Esse material atira até 9.900 ms. Porém, o reparo tem um arco de pontaria graduado até 30° e as alças graduadas também para um alcance superior a 9.900 ms.

O alcance de 9.900 se obtém com um angulo de tiro de 20° 4'.

A tabella de tiro vem calculada até 9.900 com maior angulo de tiro de 20° 4'. Tendo esse material os apparelhos de pontaria graduados para um alcance correspondente a 30°, e não vindo a tabella com esse excesso, lembrei-me de melhorar o alcance desse canhão, aumentando o angulo de tiro até 30° e calculando a nova tabella desde 20° 4' até 30°. Para isto, tive de recorrer a balistica transcendent e calcular qual o alcance correspondente a 30°. Achei-o igual a 12.000 ms. Mas, aumentando o angulo de tiro, tive necessidade de saber o novo esforço que iria actuar sobre os freios e reparo. Tive que estudar mechanica dos reparos. Desse estudo e da experiecia de tiro que já fiz, cheguei

ao resultado que esperava. A possibilidade rigorosa de aumentar o ângulo de tiro sem nenhum prejuízo para o reparo. Isto eu já previa, porque a Casa Krupp não poria nos aparelhos de pontaria uma graduação de 30° se não fosse possível o reparo suportar essa nova posição do canhão, durante o tiro, em torno dos seus munhões.

De posse disto, fiz a analyse das forças que actuam no reparo. Ora, na partida do tiro, os gases da polvora exercem sobre a boca de fogo um esforço considerável.

Esse esforço, que em mecanica denominamos força, é denominado em balística por pressão.

Esta pressão é medida por centímetro quadrado, exercida na face anterior da cunha.

O diâmetro da face anterior da cunha, que fecha a câmara de explosão, é maior que o calibre do canhão: é de 160 mm.

A pressão que se exerce por centímetro quadrado é de 2.100 Kg/m², portanto a pressão total será igual a

$$3,1416 \times \frac{0,16^2}{4} \times 2.100 = 422.209 \text{ Kg/m}^2$$

E' esta força que, exercendo-se na culatra do canhão, o faz recuar.

Designaremos por R esta força, e por $F_1, F_2, F_3, \dots, F_n$, as suas componentes iguais entre si e que se applicam em cada centímetro quadrado da superfície anterior da cunha.

Nós podemos tomar estas componentes duas a duas a igual distância do centro da superfície considerada. Como essas componentes são iguais entre si e tomadas duas a duas equidistantes do centro da superfície em que estão applicadas, a sua resultante total passará pelo centro dessa superfície, onde tem seu ponto de applicação. Como consideramos as componentes F_1, F_2, F_3, F_n , perpendiculares à superfície considerada, elas são paralelas e sua resultante, portanto, dirigida segundo o eixo da alma do canhão.

Assim, pois, conhecemos a intensidade, direção e ponto de applicação da força R .

O eixo da alma do canhão corta ao meio o eixo dos munhões. Poderemos tomar esse ponto como ponto de applicação da força R , em vista de um theorema de mecanica que diz: « Pode-se transportar uma força para um ponto qualquer de sua direção, contanto que esse ponto esteja invariavelmente ligado ao primeiro, isto é, contanto que os pontos

de applicação, o novo e o antigo, faga parte desse mesmo corpo sólido ».

Isto posto, supomos agora que o ponto de applicação da Força R seja em B , meio do eixo dos munhões, na fig. 1, onde AC é o eixo dos munhões, e OO' o eixo da alma do canhão, em cuja direção age a Força R . O ponto B é o meio de AC .

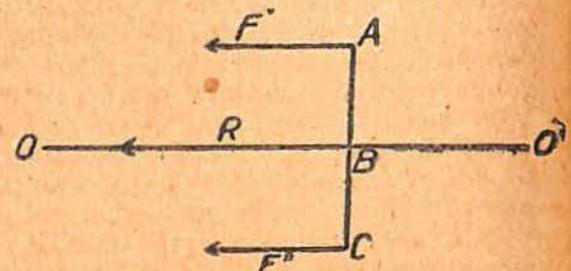


Fig. 1

Estando o canhão ligado invariavelmente ao reparo pelos munhões A e C , a força R actua em A e C , de compondo-se em duas, que designaremos por F' e F'' e que actuam respetivamente na falca esquerda e direita.

Ora, sabemos por um corollario de mecanica: « Se R é a resultante de duas forças paralelas F' e F'' , cada uma das três forças R, F' e F'' é proporcional a distância dos pontos de applicação das duas outras ».

$$\text{Assim teremos: } \frac{R}{AC} = \frac{F'}{BC} = \frac{F''}{AB}$$

Mas, por construção, $AB = BC$. Logo,

$$\frac{F'}{F''} = 1, \text{ donde } F' = F''.$$

Logo, a resultante R decompõe-se em duas forças paralelas iguais entre si, e situadas no plano da resultante. « Como o valor de $R = 422.229 \text{ Kt}^2$, sendo $R = F' + F'' = 2F$ tem-se

$$F' = F'' = \frac{422209}{2} = 211108,5 \text{ Kg.}^{\text{tos}}$$

Sendo o reparo dos canhões de que nos ocupamos simétricos, faremos o estudo dumha das componentes F'' , por exemplo, que actua na falca direita. Tudo o que se disser com relação a esta componente, terá inteira exactidão com a outra componente F' . Isto posto, vamos estudar a ação da componente F'' , quando se tiver dado ao canhão

angulo de tiro de $20^{\circ} 4'$, correspondente ao alcance de 9900 ms. Ora, F' terá a inclinação, com relação a superficie de escorregamento do berço do canhão de $20^{\circ} 4'$ e mais a inclinação das corrediças, onde deslisa o berço durante os movimentos de recuo e entrada de bateria.

O reparo deste canhão é de chassis de base circular e as corrediças são inclinadas de 8° para a frente, para que o canhão entre em bateria pela acção da gravidade. É um sólido deslizando em um plano inclinado. Este sistema dispensa os recuperadores. Representemos a falca direita com a corrediça EH' , inclinada de 8° na (fig. 2). C o munhão direito, representado por um ponto. F'' a componente do recuo actuando em C com a inclinação de $28^{\circ} 4'$ sobre a corrediça EH' . Assim, pois, conhecemos a intensidade, a direcção e o ponto de applicação de F'' . Esta força decompõe-se, por sua vez, em duas outras; uma « f » dirigida normalmente à EH' e a outra « f' » na direcção $H'E$,

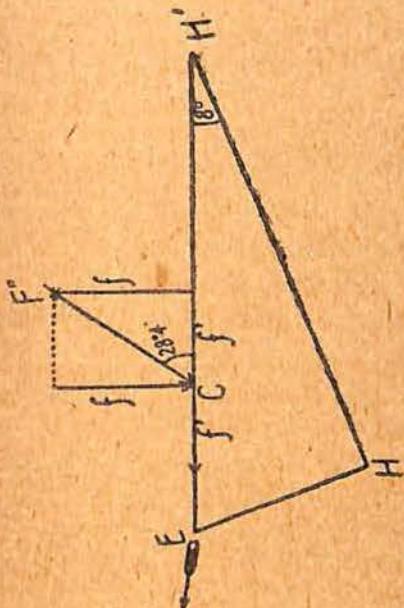


Fig.

e que solicita o canhão a recuar. A componente « f », é anulada pela resistência do material, ou melhor pela força de iuercia, que lhe é igual e em sentido contrario. A componente « f' », agiudo na direcção da flecha, indicativa do sentido do movimento (fig 2), terá sua acção directa sobre os freios de recuo. Conhecidas estas duas componentes, se determinará a constituição das falcas e freios de recuo. Para o estudo presente, em

que o material está construído já para o valor dessas componentes, dispensamos esta parte, e vamos apenas calcular essas componentes, para saber os seus valores e modo de acção.

Na fig. 2, temos o triângulo rectângulo $F''Cf'$ e dahi nós tiramos as duas relações necessárias para conhecer as componentes « f » e « f' »: $f = F'' \operatorname{sen} 28^{\circ} 4'$; $f' = F'' \operatorname{cos} 28^{\circ} 4'$.

$$\log f = \log F'' + \log \operatorname{sen} 28^{\circ} 4'$$

$$\log F'' = 5,3245057$$

$$\log \operatorname{sen} 28^{\circ} 4' = 1,6725583$$

$$\log f = 4,9970640$$

$$\text{onde } f = 99326 \text{ kgt.}^3$$

$$\log F'' = 5,3245057$$

$$\log \operatorname{cos} 28^{\circ} 4' = 1,9456659$$

$$\log f' = 5,2701716$$

$$\text{onde } f' = 186282 \text{ kgt.}^3$$

Resalta logo aqui que a maior componente é empregada no trabalho de recuar o canhão. Esta componente cresce na razão inversa do angulo de tiro. Quando este angulo atingir o valor de -8° , isto é, quando o eixo da alma do canhão for paralelo ás corrediças, o \cos do angulo de tiro será igual a unidade e então a componente $f' = 211108$, kgt.^3 e a componente f será nulla.

Suponhamos agora que o angulo de tiro é de 30° . Nestas condições, a inclinação de F'' sobre a corrediça EH' é de 38° . Vamos agora calcular os valores que vão ter f e f' com o novo angulo de tiro.

$$\log F'' = 5,3245057$$

$$\log \operatorname{sen} 38^{\circ} = 1,7893420$$

$$\log f = 5,1138477$$

$$\text{onde } f = 129961 \text{ Kgt.}$$

Cresceu o valor de f' o que era de esperar.

$$\log F'' = 5,3245057$$

$$\log \operatorname{cos} 38^{\circ} = 1,8965321$$

$$\log f' = 5,2210378$$

$$\text{onde } f' = 166.358$$

O valor de f' decresceu. Pois para o angulo de $28^{\circ} 4'$ $f' = 186282$ Kgt. Quando a inclinação de F'' sobre a corrediça for de 45° , as componentes de f e f' serão iguais entre si. Continuando a crescer a inclinação de F''

sobre EH', o valor de f' irá diminuindo, até tornar-se nulo para uma inclinação de 90°. Neste caso a componente f attingirá o seu valor maximo.

Portanto, para o caso de um angulo de tiro de 30°, os freios são menos trabalhados do que para angulos menores. Precisamos ainda mostrar que a componente f' tem um trabalho a effectuar: é vencer o peso do canhão e berço no movimento de recuo. Pois estando canhão e berço sobre um plano inclinado, o seu peso será decomposto em duas forças, uma normal ás corredigas e outra na direcção destas, mas em sentido contrario ao

recuo. Se chamarmos P o peso do canhão e berço e «p» a componente que actua na direcção das corredigas e L o angulo de inclinação destas, que é de 8°, o valor de p será $p = \frac{1}{2} P \cos 8^\circ$. Com relação a parte esquerda do reparo teremos:

$$p_1 = \frac{P \cos 8^\circ}{2}$$

Assim, as componentes f e f' virão diminuidas de p e p1.

CAPITÃO CARLOS DE ABREU

Nova mentalidade militar

Da organisação militar, de suas condições, ou de seu modo de ser, ha indices, que não illudem. E tudo elle resumem, claramente, intelligentemente.

São esses indices os quadros do exercito, seja este de terra, seja de mar.

Por isso, o mesmo é dizer desses quadros que julgar do valor ou efficiencia do exercito correspondente.

Mas se o paiz de que faz parte semelhante exercito, não fabrica os seus fuzis, nem os seus canhões; se não tem industria militar; se ainda não possue os elementos indispensaveis á mobilisação, porque lhe falecem as reservas de todo genero; se os effectivos nas companhias, nos esquadrões e baterias são deficientes; se não dispõe de quarteis; se nesse paiz é a regra de qualquer instante o improvisar: — como pode julgar-se da efficiencia ou valor do exercito de semelhante paiz, através tão só do saber profissional de sua officialidade?

E comtudo consubstanciam os officiaes a alma do exercito a que pertencem. A verdade é que sem nenhum organismo, não tem existencia objectiva a referida alma. Será simples abstracção, valendo como saber é certo, porém, apenas no ponto de vista theorico.

De maneira que não bastam esses officiaes. No entanto, da orientação delles, de sua instruccion, de sua educação, depende o exercito. E' então que se torna possivel formular a seguinte proposição:

— Dizei-me dos officiaes de um exercito e dir-vos-ei do valor ou efficiencia desse exercito.

Ora, que é o exercito? Não é a nação em armas?

Mas, em tal caso, dizendo eu dos officiaes, poderei dizer da propria nação. Exercito e nação, se tudo é exercito; é tudo, igualmente, essa mesma nação, com as suas virtudes, com os seus erros, com as suas imperfeições.

E daqui se segue que cada povo ou nação, tem o exercito que lhe é caracteristico — e o exercito, e o mesmo Estado, a personificação do povo, na linguagem de Bluntschli.

Sabe toda gente, nas suas linhas geraes, o que é o exercito, o que é o povo, o que é a nação, o que é o Estado. E fala-se dessas realidades sociaes, como se tudo fôra a mesma coisa no tempo, que varia, e no espaço ou lugar que com effeito se diversifica.

Então, a contemplar regiões differentes e diferentes populações, logo se deseja transplantar essa ou aquella instituição para o solo em que se habita. Mas ahi ha tradições que merecem respeitadas. Mas ahi ha idéas e sentimentos que se não confundem com os sentimentos e idéas do povo ou grupo ethnico de que ora se cogita.

Imaginai o imperio romano, ao tempo das humilhações do senado, quando as legiões, pelo só prestigio da força, acclamavam os seus imperadores. Que era o Estado? Que era o povo? Que significava a nação? Que representava o exercito? Estava a guerra na sua forma primitiva. Não se comprehendia a vontade obedecendo á razão; o homem agia menos como homem que simples animal, sem a emoção da justiça.

Mas, desde a idade-média, veio perdendo a guerra essa forma primitiva. Então, o exército, a nação, o povo, o Estado, tudo se constitucionaliza. Também a guerra principia de ser feita em nome da defesa, e não da conquista. Defende-se a honra, defende-se a terra, defende-se a civilização. E muito embora espíritos retardados ainda estejam a sonhar com a existência de Estados belligerentes que se empenham em novas guerras; não há ninguém de responsabilidade, nenhum verdadeiro estadista, capaz de proclamar, alto e bom som, que é de mister conquistar a ferro e fogo.

E' que se transmuta a mentalidade militar. Hontem, queria a guerra pela guerra. Hoje é pela paz que assiduamente trabalha. E dabi a verdade dos conceitos do almirante Francisco Nef, chefe do estado-maior da armada chilena, os quais se deparam na oração proferida por tão illustre americano quando foi do banquete, que, em Santiago, oferecera o mesmo almirante ás delegações estrangeiras.

Mas essa transmutação da mentalidade militar não se opera senão á custa da evolução dos povos. E' a humanaidade em marcha, quem tudo vae transformando. De onde, ainda que o deseje, ninguém pode subtrair-se ás idéas do seu tempo. A phrase é de Rudolf Eucken: « a historia nos ensina que somos absolutamente de nossa época, abri mesmo onde nos revelamos em contradição com ella ».

Transmuta-se a mentalidade militar. Mas a preocupação da batalha é o que esclarece e inspira o soldado e o marinheiro nas suas cogitações da defesa nacional. A concepção e a mesma execução do argumento decisivo, dessa batalha que, com ser phenômeno verdadeiramente tático, não se reduz a simples problema de tática, — eis o que ahi põe de manifesto a complexidade do saber das armas, complexidade estonteadora por quanto — no dizer de Clausewitz — «entre mil criaturas que se distinguem — essas pela *imagination*, aquellas pela *intelligencia*, as demais pela *audacia* — é possível que não reuna as necessárias qualidades a um general ainda que mediocre, nem uma só dessas criaturas».

A arte é toda de execução, ensinou-o, de uma feita, Napoleão. Delle porém são egualmente essas palavras: «Ce n'est pas un génie qui me révèle tout à coup, en secret, ce que j'ai à dire ou à faire dans une circonstance inattendue pour les autres, c'est la réflexion, la méditation».

E' não ha nenhuma desharmonia entre os dois conceitos do ambicioso conquistador de nações, homem cheio de audacia que, erguendo-se por sobre a desordem geral da Europa, pareceu pretender levar a cabo a felicidade dos povos. Na guerra não se cruzam os braços; é preciso executar. Mas, como executar, e o que se vae executar?

De maneira que se impõe a meditação, a reflexão.

E' então que não soffre duvida a importância da preparação, a que allude Clausewitz, affirmando o grande alemão pensador que foi Napoleão quem primeiro accentuou toda essa importancia. Mas é tambem claro que os cuidados outros com o armamento, com a instrução, com o fardamento, com a saúde, com a organização em uma palavra — e com a organização, o commando, a administração — ahi estão nessa indispensável preparação que se não considera tão somente nas horas da mobilização, por isso que se vem fazendo, propositadamente, methodicamente, em todos os momentos.

E' a batalha, sua concepção, sua execução, o pensamentor coordenado de todas os trabalhos na caserna e nos campos de manobra. Porque não se vae á guerra, para se evitar a guerra. Quando ella estala — e isso acontece antes pela incapacidade da diplomacia que pelo conjunto de circunstâncias dependentes das mesmas populações — os militares já conhecem ou devem conhecer as dificuldades que á estratégia oferece a política. E marcham, guiados pela competencia dos generaes, que tudo procuraram estudar desde os tempos de paz.

Fixae a figura de clínicos, os quais, deante de casos concretos, estão folheando livros, recordando ensinamentos da academia, esforçando-se por salvar a vida de individuos que reclamam a solicitude da medicina. Que será dessa vida? Pois, o soldado e o marinheiro, os cidadãos armados, os militares em summa, se, por vezes, são os hygienistas a que se refere o almirante chileno — evitando elles os desastres da molestia, ou os perigos

da guerra; em outras ocasiões, correm ao encontro da enfermidade. Vão sem demora ao campo de batalha. E quanto mais souberem a sua arte, tanto mais rapidamente poderão assegurar a resistência do enfermo ou a ordem da collectividade, por cuja honra se devotam a toda sorte de sacrifícios.

Em todo o caso, qualquer que seja a significação desses militares, o seu saber e o seu poder, depende dos officiaes, os indices das condições do exercito, os indices do modo de ser da propria nação.

E como avulta o papel desses officiaes!

MOREIRA GUIMARÃES

O EXPLOSIVO DE GUERRA

Ninguem ignora que uma tropa de engenharia, não possuidora de um explosivo appropriado ás multiplas applicações, que poderá receber na guerra, tais como destruições, guerra-de minas e muitas outras terá perdido uma bôa parte de sua efficiencia no cooperar com as outras armas, para a consecução da victoria. Essas destruições (obras d'arte, estradas, etc.) são de todos os tempos, de todas as guerras, e se tornam cada vez mais prementes, com a facilidade, cada vez maior, que os progressos da civilisação, trouxeram aos meios de comunicação. Algumas d'ellas são tão urgentes que, de ha muito, se dotou a Cavallaria com explosivo, afim de provel-a de meios com que pudesse effectuar interrupções, em suas missões, muito á frente dos Exercitos.

Pois bem, apezar de termos festejado ha pouco, ruidosamente o primeiro centenario de nossa independencia, ainda não possue o nosso Exercito, veterano de muitas campanhas, aqui na America do Sul, um explosivo de guerra regulamentar, fabricado no paiz, não obstante a existencia, ha varios annos, de uma fabrica de polvora moderna. De ha muito se agita esta questão, no seio de nossa classe, e em Agosto de 1918 a saudosa «Revista de Artilharia», em bem lançado editorial, abundava em considerações varias de muito criterio sobre o assumpto de que ora tratamos.

Entretanto bastaria um pouco de bôa vontade de nossos dirigentes, para que a questão fosse resolvida de prompto, por quanto outras mais complicadas o têm sido. Sabemos que a Fabrica do Piquete, durante os annos de 1919 e 1920 fabricou com vantagem a tonita, que, em petardos de 100 grammas, em grande escala, foi distribuída á Diretoria de Engenharia, para varias experiências, todas elas coroadas de bom exito.

A falta, porém, de apparelhagem propria para a fabricação, deu logar a uma explosão,

seguida de desastres pessoais, cuja consequencia foi o cessar-se aquelle fabrico.

Ora, afirmam os technicos que, com pequena despesa se poderia adquirir mecanismos appropriados para aquelle fim, accrescendo mais ser o mesmo mui facil, com a vantagem ainda de ter a tonita por base o algodão polvora, já fabricado, em larga escala, naquelle estabelecimento. Seria interessante tentar esta solução. Outra ha, porém, em vias de execução, desde principios do anno findo e consiste na construção de edificações appropriadas e subsequente montagem de apparelhos proprios á fabricação do *Trotol*.

Entretanto o preparo do terreno para receber as projectadas edificações foi paralysado, em fins do anno passado, e até agora não ha prosseguido, continuando o explosivo de guerra a ser um sonho, cuja realização material parece, cada vez mais affastar-se.

Entretanto a observação dos factos tem demonstrado, que a realização pratica de um ideal possivel depende apenas de encontrar um homem, que queira com elle identificar-se.

A remodelação da Capital Federal, e duplicação da linha da serra, o caes do porto, a demolição do Morro do Castello, o problema dos quarteis, o sorteio militar e muitos outros factos, que seria ocioso citar, todos elles prendem-se isoladamente ao nome de um só homem.

Bastará, pois que um chefe militar se disponha a querer ver a auxiliar anonyma dos Exercitos, nas batalhas, em condições capazes de, com brilhantismo, preencher sua missão para surgir, como por encanto, o explosivo de guerra.

Que a esperança nos anime a aguardar a realização deste ideal.

ARTHUR J. PAMPHIRO
Capitão

PALESTRAS TECHNICAS

LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES

A actividade de espirito dos chefes de todos os grãos deve ser especialmente orientada para a procura de informações; porque, para bem commandar, é preciso estar constantemente informado. Se elles têm essas necessidades, não se devem esquecer de que todas as informações colhidas interessam também todos os que o cercam, providenciando *cuidado e presteza* para a remessa das mesmas, tanto ao superior imediato como aos seus vizinhos: *cuidado*, para que não cheguem deformadas e inintelligíveis; *presteza*, para que alcancem o destino em tempo opportuno.

Portanto, os chefes necessitam de *meios de informação*, para poderem colher-as; de *meios de transmissão*, para poderem enviar-as.

Principalmente no combate, essas necessidades são muito imperiosas, constituindo a base da decisão do comando. A coordenação dos esforços será, então, a preocupação constante dos chefes de todas as graduações, para que a operação de conjunto seja bem sucedida.

O elemento coordenador por excellencia é a *ligação*, termo de ordem moral.

Para que ella seja perfeita, faz-se mister uma comunicação constante entre dirigentes e executantes, estes fornecendo as informações sobre a marcha da operação e suas necessidades, aquelles distribuindo os meios, de acordo com as circunstâncias.

A *ligação* é, pois, um princípio fundamental da organização do comando, presupõe sempre a existência de um contacto íntimo e mutuo entre o chefe e seus subordinados.

Mas, o chefe não pôde estar em toda parte; envia, então, os seus agentes, seus representantes, que serão como os élos da grande corrente que liga os pensamentos e as vontades.

Entretanto, isso não é tão facil como à primeira vista parece; a ligação é função de diversos elementos, sem os quais seria imperfeita, conseguindo-se consequentemente um resultado mediocre. (1).

Esses elementos são:

1.º — *A instrução e educação militar* da tropa, dos Estados Maiores e dos chefes de todas as graduações. Isso quer dizer que é necessário haver a compreensão perfeita das ordens do comando e de suas intenções; uma certa disciplina intellectual, isto é, encarar todas as questões sob o mesmo ponto de vista; finalmente, a ciencia (perfeita de todas as disposições regulamentares).

2.º — *A execução fiel das ordens*, porque elles traduzem a vontade do comando, e, por conseguinte, devem ser cumpridas para que, com a convergência dos esforços, seja alcançado o objectivo visado pelo chefe.

3.º — *A manutenção da continuidade de ação* entre as unidades vizinhas (destacamentos de ligação) para que seja mantido indissolvel o laço tático.

4.º — *As informações*, cuidadosamente enviadas por todos os chefes (sobre sua tropa, os vizinhos, o inimigo), ao superior imediato, pondo-o bem ao corrente da situação, para que possa tomar sua decisão. Reciprocamente, compete a este dar aos su-

bordinados as informações recebidas de outras fontes e que lhes interessem.

5.º — *A rapidez na transmissão das ordens e informações*, para que tenham oportunidade e não cheguem ao destino quando para mais nada sirvam.

A ligação pôde ser simbolizada por uma cruz, cujos quatro ramos indicam: o de cima — ligação com o chefe imediato superior; o de baixo — com os subordinados; os *latteraes* — com os vizinhos.

Um princípio regulamentar determina que todo commandante de unidade, em qualquer circunstância, deve ligar-se aos subordinados, com o maior empenho e o mais cedo possível; como corolário, todo subordinado estabelecerá ligação com seu superior directo.

A ligação sendo estabelecida entre os P. C., é necessário que elles sejam bem conhecidos; por isso, em princípio, o commandante, que dá a ordem, deve determinar os P. C. de seus subordinados (pelo menos a zona onde devem escolher os), indicando também o seu (ou o eixo de deslocamento). Sempre que, forçado pelas circunstâncias, um P. C. for mudado, o superior imediato deve ser informado promptamente.

Intimamente unida à questão de *ligação* está a de *transmissão*, puramente material, consistindo no emprego dos meios para enviar as informações, ordens, relatórios e partes, com a maior presteza possível.

A diversidade dos meios materiais, hoje empregados, garante ao chefe a recepção das informações, relatórios e partes em tempo opportuno e leva, também, aos subordinados sua decisão em forma de ordem e instruções, permitindo que se realize essa preciosa permuta em qualquer período de operações.

MEIOS DE INFORMAÇÃO

São os seguintes os meios de informação:

a) — Agentes de ligação; destacamentos de ligação;

b) — Observação (terrestre e aerea).

Agentes de ligação: São oficiais (eventualmente graduados) destacados para junto dos P. C., e capazes de discutir uma situação, de transmitir instruções e colher informações ou esclarecimentos. Elles pôdem pedir e fornecer, em nome do chefe que representam, as informações e explicações que julgarem úteis.

Nas unidades superiores, até à divisão inclusive, a ligação faz-se de cima para baixo; no interior da brigada, são as unidades inferiores que se ligam às superiores.

Os agentes de ligação lançam mão de todos os meios de transmissão, com o consentimento dos chefes respectivos, e até de especiais, como sejam ciclistas, pombos, etc., para que possam enviar com a maior rapidez as informações colhidas.

Ligação da artilharia com a infantaria: (1)

a) — Pelo contacto frequente entre oficiais das duas armas e pela juxtaposição dos P. C.

b) — Por destacamentos de ligação, enviados pela artilharia junto à infantaria que apoia.

(1) — A artilharia só pôde agir efficazmente se está em intima ligação com a infantaria em proveito da qual trabalha.

(1) — A artilharia só pôde agir efficazmente se está em intima ligação com a infantaria em proveito da qual trabalha.

A) — Os chefes de artilharia de todas as graduações devem tomar constantemente contacto com a infantaria; reciprocamente, os officiaes de infantaria visitando, ou mesmo permanecendo nas baterias, instruir-se-ão sobre as possibilidades da artilharia e saberão o que podem pedir e esperar della. Essas visitas estabelecerão a confiança reciproca, suprimindo todas as desconfianças e descontentamentos.

Todas as vezes que for possível, os P. C. da artilharia e da infantaria devem ser juxtapostos ou pelo menos próximos, principalmente quando o grupamento de artilharia apoia directamente a unidade de infantaria; mas, isso infelizmente nem sempre é possível, particularmente no decorrer do combate, porque o P. C. da artilharia deve ser o mais estavel possível e o da infantaria desloca-se constantemente. Por essa ultima razão foram creados os

Destacamentos de ligação — Em uma acção offensiva, sempre que os P. C. se distanciarem, cada grupamento de artilharia, encarregado do apoio directo á uma unidade de infantaria destaca para junto do commandante desta um official, chefe da ligação, que tem sob suas ordens um destacamento de ligação.

Esse destacamento é composto de inferiores observadores, graduados e soldados esclarecedores e agentes de transmissão, telephonistas e signaleiros (com o material necessário). O official, chefe da ligação, marcha com o commandante da tropa apoiada pelo seu grupamento.

A missão do destacamento é dupla: informar seu chefe sobre a situação e as necessidades da infantaria, transmittindo-lhe os pedidos sob uma forma susceptível de ser explorada pelas baterias; informar ao commandante da infantaria, o apoio que lhe pôde dar o seu grupamento.

Para que o official de ligação possa cumprir sua missão, é preciso estar perfeitamente ao corrente do que pôde fazer a artilharia que representa, e tambem que o commandante da infantaria o informe constantemente da situação de suas tropas e suas necessidades.

O official de ligação, por seus próprios meios de transmissão, communica-se, dum parte com o commandante de seu grupamento, de outra com os observadores avançados, destacados junto ás tropas de infantaria de 1^a linha. Isso não impede que o commandante da infantaria reforce esses

meios, chegando mesmo a estabelecer uma dupla corrente de transmissão.

A infantaria deve sempre informar a artilharia. O official de infantaria, a partir do menos graduado precisa convencer-se de que o artilheiro, sem o seu auxilio, pôde enganar-se, e esse engano será sempre em seu desproveito; por isso, tem o dever de dar-lhe todas as informações. O melhor meio é um pequeno decalque sobre a carta em uso, com as indicações seguintes:

Minha unidade (Cia etc.) está em; meus vizinhos estão em

Assignar, datar, pôr a hora, e remetter o mais rapidamente possível.

Assignalar ao artilheiro os bons observatorios que encontra no terreno ocupado:

«Bom observatorio de artilharia em tal ponto donde se vê tal parte do terreno». (Melhor sen ainda um decalque, assignalando com uma cruz o ponto do observatorio).

Informar sobre as posições de observatorios inimigos que por acaso descubra; instalações de metralhadoras, etc...

Só desse modo, a infantaria, pondo o artilheiro ao corrente de tudo que se passa, daquelle que sabe e do que vê, conseguirá ter uma artilharia vigilante prevenida, podendo intervir oportunamente para apoiar-a ao primeiro pedido.

Ligação entre as unidades vizinhas. Os agentes de ligação trocados entre unidades vizinhas correspondem á necessidades analogas ás que foram expandidas acima. Elles são encarregados de informar sua unidade e a unidade junto a qual se acham de tudo o que as pôde interessar; devem, pois, estar sempre ao par dos projectos do commando da situação das unidades.

Ligação de combate: Em cada unidade que combate existe sempre a tendência de convergir para o centro, e esse phemoneno se produz mesmo que os objectivos tenham sido cuidadosamente indicados, para evitá-lo.

Em consequencia, é necessário fazer marchas entre duas unidades, e em escalaõ recuada, um destacamento composto, em geral, de elementos das duas unidades (mixto), com a missão de conservar o contacto entre elles. Conforme sua importância, poderá ser até dotado de metralhadoras

(Continua)

Major PAES DE ANDRADE

RESUMO DA GUERRA DO PARAGUAY

CHEGADA DA ESQUADRA A CORRIENTES

CAPITULO VI

A 11 de Fevereiro de 1866, o exercito brasileiro mudou de acampamento, instalando-se em Tala-Corá, tres leguas ao norte, e já nessa occasião seus elementos de transporte estavam aumentados.

Proximo a Itati, estava a vanguarda aliada, com 5.317 homens e 39 canhões, fazendo parte dessa vanguarda 1.500 brasileiros do commando do coronel Kelly e 871 argentinos.

O exercito argentino formava á esquerda dessa tropa.

Semelhante dispositivo não era conveniente. O adversario, por mais de uma vez, cruzaria em canôas e em um pequeno vapor defronte de Itati e a 16 de Fevereiro, foram vistos os vapores 25 de Mayo, Igurey e Gualeguay, que, andando em reconhecimentos, fizeram alguns disparos contra a povoação.

Esses factos fizeram com que o general em chefe brasileiro ordenasse o recuo do acampamento para 4 kilometros distante do povoado, para melhor segurança, e levou Mitre a ordenar que a vanguarda se transportasse para São Cosme, a 12 kilometros de Itati, isso na esperança

também de atrair os paraguaios para mais perto do grosso do exercito brasileiro.

O adversario, porém, não caiu na armadilha; apenas saqueou a povoação no dia immediato e retrocedeu.

A 21 de Fevereiro, chegou a Corrientes o vice-almirante Tamandaré. Approximava-se o momento das grandes acções conjunetas do Exercito e da Marinha.

Effectivamente, a 17 de Março a esquadra zarrou de Corrientes, constituindo o facto um grande sucesso, visto como esquadra tão possante já-mais suicára aquellas aguas.

Compunha-se ella dos seguintes elementos:

Couraçados

<i>Brasil</i> — Commandante, capitão de mar e guerra Victor Subrá	9 canhões (cal. 150)
<i>Bahia</i> — Commandante, capitão de fragata Rodrigues da Costa	2 » »
<i>Tamandaré</i> — Commandante, 1º ten. Mariz e Barros	4 » »
<i>Barroso</i> — Commandante, 1º ten. Mendes Salgado	6 » »
	21 canhões

Canhoneiras

<i>Beberibe</i> — Commandante, capitão de fragata Delphim de Carvalho	7 canhões
<i>Parnaíba</i> — Commandante, capitão tenente, J. F. Abreu	7 »
<i>Belmonte</i> — Commandante, capitão tenente L. M. Piquete	8 »
<i>Magé</i> — Commandante, capitão-tenente Mamede Simões	7 »
<i>Mearim</i> — Commandante, capitão-tenente Elisiario Barbosa	7 »
<i>Araguary</i> — Commandante, 1º ten. A. L. von Hoonholtz	4 »
<i>Itajahy</i> — Commandante, 1º ten. Carneiro da Rocha	4 »
<i>Ivahy</i> — Commandante, 1º ten. Pereira dos Santos	6 »
<i>Araguary</i> — Commandante, 1º ten. Fernandes Pinheiro	6 »
<i>Iguatemy</i> — Commandante, 1º ten. Alves Nogueira	5 »
<i>Ipiranga</i> — Commandante, 1º ten. F. J. Freitas	7 »
<i>Greenhalgh</i> — Commandante, 1º ten. Netto Mendonça	2 »
<i>Henrique Martins</i> — Commandante, 1º ten. Jeronymo Gonçalves	2 »
	72 canhões

Avisos

<i>Chuy</i> — Commandante, 1º ten. Marques Guimarães	1 canhão
<i>11 de Junho</i> — Commandante, 1º ten., Cortez (Este navio servia de hospital de sangue)	2 canhões
	3 canhões

<i>Lindoya</i> — Commandante, 1 piloto, sem canhões	3 canhões
<i>Voluntario</i> — » » »	» »
<i>General Osorio</i> — » » »	» »
	2 canhões
	— —

Transportes de guerra

<i>Apa</i> (Navio almirante) — Commandante capitão-tenente, Garção	2 canhões
<i>Isabel</i> — Commandante, capitão-tenente Faria	— —

Marcilio Dias — Commandante, 1º

tenente José Alvim

3 »

Princesa de Joinville — Commandante, 1º tenente Collatino

— —

Iguassú — Commandante, 1º ten.

Cunha Couto

4 »

9 canhões

Como se vê, dispunha a esquadra de 105 canhões e todos os navios, excepto o patacho *Iguassú*, eram a vapor.

Toda a artilharia era de grosso calibre e os canhões, em sua maioria, eram raiados.

Havia ainda mais uma esquadilha auxiliar de 7 transportes a vapor, fretados pelo governo brasileiro: *Wightinch*, *Víper*, *Suzan Bearn*, *Ria-chuelo*, *Presidente*, *Duque de Saxe* e *Galgo* (Schneider, 1º vol.).

Ficaram em Corrientes a *Amazonas*, comandada por Theotonio de Brito, *Maracanã*, por Gonçalves Duarte, e *Igurey*, pelo piloto Serpa.

A esquadra avançou para Tres Bocas e Passo da Patria, indo o vice-almirante Tamandaré e o chefe da esquadra barão do Amazonas no vapor *Apa*.

Formava ella 3 divisões. A 1.ª, sob o comando do proprio vice-almirante Tamandaré, tendo como logar-tenente o barão do Amazonas, compunha-se do *Apa*, *11 de Junho*, *Bahia* e *Princesa de Joinville*, com forças de desembarque; a 2.ª, sob o comando do capitão de mar e guerra José Maia Rodrigues, compunha-se do *Barroso* (capitanea), *Araguary*, *Ivahy*, *Iguatemy* e *Brasil*; a 3.ª, comandada pelo capitão de mar e guerra Francisco Cordeiro Torres Alvim, era composta da *Beberibe* (capitanea), *Mearim*, *Tamandaré*, *Ipiranga* e *Parnaíba*. A bordo dos navios estava a 9.ª brigada, comandada pelo brigadeiro João Guilherme de Bruce.

O dictador Lopez, por essa occasião, foi ao forte de Itapirú observar pessoalmente a esquadra adversaria, embarcando em seguida no *Gualeguay* para Corrales, onde foi orar junto á cruz commemorativa dos paraguaios mortos no combate que nesse ponto se havia ferido.

A 21 de Março, a esquadra brasileira estendia-se entre Tres Bocas e o forte de Itapirú.

O chefe Alvim, á frente do *Tamandaré*, *Araguary* e *Henrique Martins*, procedeu ao reconhecimento do rio Paraná até Itati e Ponta do Toledo, 2 1/2 leguas acima do Passo da Patria, transportando uma comissão incumbida do levantamento da planta hydrographica, sendo no seu trajecto ligeiramente hostilizado pela artilharia do forte de Itapirú.

Os paraguaios haviam artilhado varias chatas, que collocaram na barranca do rio, junto ao forte, e foi com elles que a esquadra teve de lutar nos ultimos dias de Março, bem como tambem com a artilharia do forte.

Marcha para o Passo da Patria

A 25 de Fevereiro, realizou-se em Corrientes o primeiro conselho de guerra entre os generaes aliados, afim de ser escolhido o ponto do territorio inimigo em que deveriam começar as operações offensivas dos exercitos aliados.

As opiniões divergiram, como era natural.

Os generaes Mitre e Osorio entendiam que a invasão se deveria realizar por Itati, ponto de permeio entre o Passo da Patria e Itapúa, achando ainda conveniente ser a operação

apoizada pelo corpo de exercito comandado pelo general barão de Porto Alegre, que estava em São Borja e poderia ameaçar Itapúa ou mesmo atravessar o rio Paraná e ameaçar a propria capital do Paraguay, pela estrada de Itapúa a Villa Rica, obrigando o dictador Lopez a enfraquecer-se em Humaytá para poder defender Assumpção.

Demais, a invasão por Itati permitiria a junção com o 2.º corpo, do general Porto Alegre, o que elevaria o efectivo dos aliados à um numero superior a 40.000 homens, e proporcionaria a oportunidade de ser o dictador Lopez atraído a uma batalha campal fóra do recinto de suas fortificações, onde se decidiria a guerra.

Corrientes ficaria como base de operações.

O almirante Tamandaré e o general Flores opinaram pela invasão no Passo da Patria, sob o fundamento de que a operação seria assim auxiliada pela esquadra, o que seria de real necessidade para maior segurança.

A vista dessa discordancia de opiniões, ficou resolvido que a escolha do ponto de invasão se daria depois dos reconhecimentos necessarios que seriam ordenados.

Em consequencia disso, o 2.º corpo transpoz o Uruguay, no passo de S. Borja, marchando para S. Thomaz, onde acampou a 16 de Abril, 15 dias depois reconhecendo o forte de São José, em frente à Itapúa e na margem esquerda do Paraná, onde foi travado um ligeiro tiroteio entre o 2.º corpo e o destacamento commandado pelo coronel Nuñez, este composto de 3.000 homens com 12 bocas de fogo, morrendo nesse tiroteio o 1.º tenente José Carlos Cabral.

A 26 de Março o general Osorio avançou para o Passo da Patria, onde á noite acamparam os generaes Argollo e Sampaio com suas divisões, cerca de 10.000 homens e alguns canhões. Em quanto isso, o general Flores, embarcando com seu destacamento nos pequenos vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos Ayres*, protegidos pela canhoneira *Henrique Martins*, fez um reconhecimento até Itati, afim de verificar se era possivel invadir o territorio inimigo por alli, chegando á conclusão de que era impossivel a operação. Nesse mesmo dia, 27, uma *chata* adversaria atacou a esquadra brasileira, um de seus projectis atingindo o navio-chefe, o que deu lugar a que o vice-almirante ordenasse ao chefe Alvim que, com o *Tamandaré* e o *Bahia*, puzesse a pique a *chata*, para o que deveriam avançar até defronte ao forte.

Foi, porém, impossivel descobrir a *chata*, tão bem oculta estava ella, de modo que os navios apenas puderam bombardear o proprio forte, o que fizeram durante 4 horas, causando-lhes graves danos.

Infelizmente, a operação custou sacrificios grandes ao atacante, que perdeu 33 homens, inclusive o 1.º tenente Verissimo, immediato do *Tamandaré*, o commissario Accioly de Vasconcellos e o escrivão Alpoim, victimas de uma granada paraguaya, explodida na casa-mata do navio.

Foram ainda feridos gravemente os 1.ºs tenentes Mariz e Barros e Ignacio Silveira, 2.ºs tenentes Victor Delamare e Manhães Barreto, guarda-marinha Paulo Mascarenhas, alferes Tou-

rinho Pinto e dezoito praças, os dois primeiros officiaes vindo a falecer pouco depois.

Varios reconhecimentos foram ainda successivamente feitos com identico objectivo, isto é, descobriu-se o melhor ponto para a invasão, enquanto a esquadra sustentava contínuos tiroteios com o forte de Itapirú, já quasi desmantelado.

A 29 de madrugada, o tenente-coronel José Carlos de Carvalho, com 80 homens, procedeu a um reconhecimento em uma ilhota fronteira a Itapirú, a que os paraguayos chamavam *banco* de Itapirú e recebeu depois o nome de ilha da Redempção, ilha Carvalho e, finalmente, ilha Cabrita.

Era ella coberta de alta macega, prestando-se bem a ser fortificada.

Na noite de 5 para 6 de Abril, ali desembarcou o tenente-coronel Willagran Cabrita, á trente de 900 homens, 4 canhões La Hitte, calibre 12, e 4 morteiros.

O tenente-coronel Carvalho, com seus auxiliares, havia collocado 2 baterias em frente a Itapirú e construído as necessarias trincheiras para abrigo dos infantes e artilheiros, de modo que o tenente-coronel Cabrita assumiu o comando da posição. O capitão Amorim Bezerra commandava o contingente de engenharia, o capitão Tiburcio de Souza os morteiros e o capitão Francisco de Moura os demais canhões.

A maioria das tropas era de Voluntarios da Patria, 7.º batalhão de São Paulo, ás ordens do tenente-coronel Pinto Pacca, e 14º provisorio de infantaria, ás ordens do major Martini.

Como elementos de protecção, ancoraram proximos á illa os couraçados *Bahia* e *Tamandaré* e as canhoneiras *Henrique Martins* e *Greenhalgh*.

As operações foram todas realizadas á noite e tão depressa rompeu o dia as baterias atacaram o forte adversario, auxiliadas pela fuzilaria.

O forte apenas dispunha na occasião de 2 canhões de 68 e tinha á sua frente o coronel Bruguez, que mandára collocar 1 canhão á margem do rio, junto aos muros do forte, e outro em uma *chata*, respondendo assim ao ataque.

O general Mitre não se esquecia do Itati e por isso ordenou no dia 5 novo reconhecimento a esse ponto, sendo delle encarregado o coronel Hornos, apoiado por algumas tropas conduzidas os navios *Itajahy*, *Henrique Martins*, *Greenhalgh*, *Chacabuco* e *Buenos Ayres*, todos sob o comando do chefe Alvim.

O coronel Hornos ultrapassou o Itati, indo a 13 kilometros além, e desalojou de passagem uma guarda paraguaya em Lengua-Passo, regressando depois com a mesma opinião com que antes já havia chegado o general Flores.

Em seu regresso, foi a expedição atacada na ilha de Sant'Anna por uma bateria de campanha e 200 infantes paraguayos comandados por Julian Godoy, ajudante de ordens do dictador Lopez, mas pouco sofreu.

A 9 de Abril o forte de Itapirú estava arrazado, seus defensores proseguindo a luta na barranca do rio.

Assalto à Ilha Cabrita

Na noite de 9 de Abril, aproveitando-se da densa cerração que então reinava, os paraguayos atacaram a guarnição da ilha.

O dictador Lopez escolhéra 3.266 soldados exímios nadadores, entregando-os ao commando do coronel Diaz, a quem ordenou que permanecesse com 2.000 homens em Itapirú, como reserva, e destacasse os 1.200 restantes, sob o commando de Leonardo Rivero, auxiliado pelos tenentes Matteo Romero, Pablo Carrero, Mariano Bordon e outros, para atacarem a guarnição da ilha.

De facto, ás 3 horas da madrugada, embarcou a força, recomendando-lhe o coronel Diaz que, no caso de ser presentida antes de penetrar nas trincheiras adversárias, dêsses vivas ao Brasil e aos aliados, para illudir a guarnição, que deveria depois ser toda passada a fio de espada.

Amaradas as canoas na barranca do rio, investiram os paraguayos contra a posição, mas foram presentidos pelas sentinelas, que deram o alarme.

Correndo a postos, a guarnição travou encarniçado combate com os atacantes, apezar da escuridão da noite, os paraguayos investindo com desmedida fúria, mas sempre repelidos com grande energia.

Por fim, quando lhe pareceu oportuno, o coronel Cabrita ordenou a carga a bayoneta e os soldados, saltando as trincheiras, dentro em pouco atiraram contra o rio o atacante audaz.

As canhoneiras brasileiras *Henrique Martins*, *Greenhalgh* e *Chuy*, correndo em socorro, completaram a ação, mettendo a pique as canoas paraguayas, a bico de prôa, enquanto os seus canhões vomitavam metralha, sem que os reforços enviados pelo adversário lograssem desembarcar e por sua vez sendo acutilados e atirados de novo ao rio.

Às 7 horas da manhã, estava terminada a sangrenta luta.

Foram aprisionados o tenente Romero, que se escondéra, e mais outros officiaes, sendo encontrados 640 cadáveres paraguayos, entre os quais os dos commandantes Leonardo Rivero e Mathias Vargas, 800 espingardas, espadas, munícios e 30 canoas em bom estado.

A guarnição brasileira teve 49 mortos e 100 feridos.

Terrible infortúnio, entretanto, cahio pouco depois sobre os brasileiros: o heróico Willagran Cabrita, o major Sampaio, que o fôra felicitar pela victoria alcançada, o tenente Carneiro da Cunha e o alferes Woolf, embarcados em uma chata, a 1 hora da tarde, foram victimas de um lamentável desastre. Uma granada paraguaya, lançada pelo forte de Itapirú, cahio sobre a chata, matando instantaneamente o coronel Cabrita, o major Sampaio e o alferes Woolf e ferindo gravemente o tenente Carneiro da Cunha.

Os dois primeiros haviam sido instrutores do exercito paraguayo, ao tempo em que também o fôra o coronel Portocarrero, o herói do forte de Coimbra.

Considerações

Alliados. — Não encontramos justificativa alguma para a conducta do commandante em chefe, só depois de atingirem as tropas á fronteira lembrando-se de mandar reconhecer-l-a, afim de deter-

minar-se o ponto em que se deveria invadir a república vizinha, e mais a falt grave de delegar á seus auxiliares a missão do reconhecimento, operação que lhe competia realizar pessoalmente no caso.

O resultado de tudo isso, foi a perda preciosa de tempo, que o adversário não cessava de aproveitar, como era natural, para a melhor solidificação de suas posições defensivas.

Quanto á ocupação da ilha Cabrita, operação habilmente executada á noite e que foi o primeiro passo dado em território adversário, não nos parece que fosse de real vantagem, e os factos o demonstraram.

Dispondo de uma esquadra formidável na época, é fôra de dúvida que a ocupação da ilha por tropa de terra representou uma applicação inadequada e ilógica dos elementos militares de que se dispunha no momento, e, de facto, não se encontra justificação para o enorme sacrifício de vidas e de recursos que se fez na terrível jornada.

Uma simples ilha no rio Paraná, ainda que fosse ocupada pelo inimigo, não poderia constituir um estorvo de tal ordem, que exigisse um tão vasto desperdício de energias e de tempo.

Se sua posse constituía uma condição imposta pela liberdade estratégica das forças de terra e mar, a propria esquadra, poderosa como era, poderia facilmente bombardear a suficientemente e proteger-lhe depois a ocupação pelas tropas de terra.

Comitudo, o episodio do coronel Cabrita, no ponto de vista tático, representa uma das páginas mais belas de nossa historia militar.

Paraguayos. — O assalto á ilha foi uma operação também injustificável para os paraguayos, que aliás pagaram caríssima a ousadia.

Sabendo que os aliados dispunham de poderosa esquadra, contra a qual não poderiam absolutamente atirar-se com probabilidades de sucesso, sua ação, parece-nos, seria muito mais profícua se se limitassem a guarnecer as barrancas do rio, utilizando as chatas artilhadas como meio auxiliar de hostilizar o adversário em seus empreendimentos pelo rio.

O emprego das chatas artilhadas foi um expediente de real vantagem muitas vezes, mas o abuso e a inopportunidade no seu emprego terminaram por prejudicar aos interesses dos próprios paraguayos.

Quanto ao assalto á ilha por uma tropa escondida e de efectivo relativamente considerável, nada se poderia dizer se sua ocupação representasse uma necessidade real e se os assaltantes dispusessem dos necessários elementos para sua posse definitiva, o que absolutamente não se poderia esperar.

Como simples escaramuça ou ação de pequena guerra, sua realização também não se justifica, pois que os resultados que se poderiam esperar não corresponderiam de certos aos riscos inevitáveis, dada a superioridade flagrante dos aliados quanto aos elementos navaes, circunstância que deveria ter levado os paraguayos á renúncia de operações de certo vulto no domínio do rio Paraná.

Longe do rio é que elles deveriam procurar o sucesso, como é claro e lógico, pois desapareceria o perigo dos navios adversários.

(Cont.)

Cap. NILO VAL

SOLUÇÃO. DE CONSULTAS

Ao Sr. Tenente K. X.

I — Contra metralhadoras, descobertas ou ligeiramente cobertas, poder-se-á empregar a granada tempo do nosso 75? E' este o projectil mais proprio para esse objectivo?

A artilharia de 75 bate as metralhadoras quando empregada em *acompanhamento imediato ou apoio directo*.

Em acompanhamento imediato, é preciso vel-a como um petrecho mais poderoso que o 37 ou o Stokes, atirando muito proximo do inimigo por peças ou secções isoladas, quasi sempre á risca. E, então, o projectil mais apropriado a uma metralhadora descoberta depende do effeito que se deseja produzir: se destruição, *granada percutente*; se neutralisação *skrapnell tempo*. Estando a metralhadora ligeiramente coberta, e valendo a pena arriscar destruila (a proximidade o facilita), *granada percutente*; contentando-se com a neutralisação, *granada tempo* ou *granada em ricochete*, (se o terreno em frente é favorável), ou ainda o *skrapnell tempo*, conforme o grão de desenfiamento que a *ligeira coberta* offerece.

Em apoio directo, a artilharia não cuidará especialmente de uma metralhadora, descoberta ou não. Ellas serão tratadas na neutralisação geral do objectivo a bater; o projectil mais apropriado depende do sistema de «fogo» empregado: se na zona de uma barragem rolante, *granada percutente*; se na zona de um tiro de varrer, *skrapnell tempo*; se numa cota que precisa ser cegada devido ás vistas que proporciona sobre a zona de ataque, *projectis fumigenos*, etc.

II — Como interpretar as palavras do regulamento: «commandar de um modo seguro»? O P. C. para satisfazer essa condição principal deve estar desenfiado das vistas e dos tiros inimigos? No caso afirmativo, como se poderá commandar bem sem vêr o objectivo?

Commandar de um modo seguro é ter em mãos a sua unidade para poder empregá-la na missão a cumprir.

Em qualquer escalão de comando, esta condição é satisfeita pelas ligações de natureza variada, estabelecidas entre a unidade e o respectivo P. C.

Se, para poder empregar a unidade na missão a cumprir, o P. C. deve ter vistas sobre a zona de acção, o seu logar será escondido de modo a não ser referido pelo inimigo, o que é sempre possível. De qualquer forma, não deve ser esquecido que, por mais avançado que esteja um P. C. de artilharia, existem muitos outros P. C. de infantaria mais para a frente.

Entretanto, não é verdade que, para se commandar bem, deva-se ter vistas sobre a zona de acção; esta condição é a satisfazer pelo P. O., e nem sempre o P. O. coincide com o P. C.

Por exemplo: o logar de um P. C. de agrupamento de apoio directo é junto ao cmt. da infantaria a apoiar, e não em uma cota onde se vejam os pontos de queda dos projectis dos seus grupos.

O P. C. de um general cmt. de A. D. é junto ao do general cmt. da D. I. a alguns kms., atrás da frente, porque nada tem a fazer na zona das bias.

*

Ao Sr. Tenente O. M.

I — DESBORDAMENTO

1) Dispositivo na base de partida:

A possibilidade de desbordamento dá-se sempre que o inimigo offerece um flanco livre. Elle dá bons resultados quando é possível progredir para o flanco do adversário, ao mesmo tempo que se o ataca de frente, neutralizando-o.

No inicio do combate, principalmente quando se passa da marcha de approximação ao ataque, a base de partida é uma coisa indeterminada, pois a segunda phase do combate, isto é, o ataque começa quando a tropa fica sob a acção dos fogos da infantaria inimiga. Quando em combate, cada objectivo alcançado será a base de partida para o objectivo seguinte.

O dispositivo na base de partida depende, pois, da ideia de manobra do chefe, das possibilidades do inimigo e do terreno.

2) Marcha para o desbordamento:

Desde que começa o ataque, a fracção que estiver engajada só pôde marchar *em frente*, porque *não se manobra sob o fogo*; são impossíveis os movimentos lateraes.

Por isso, o chefe que julga possível um desbordamento do objectivo em frente, toma um dispositivo de accordo com a sua ideia: engaja uma de suas unidades e escalona uma outra para a direita ou esquerda, do lado que é possível o desbordamento.

Esta ultima unidade, protegida pelo fogo da unidade engajada, fogo que obriga o inimigo a baixar a cabeça, progredirá para o desbordamento. Este movimento tem por fim alcançar uma posição que permita tomar de flanco a posição inimiga, e enfiá-la com fogos intensos. Vê-se dahi que é sempre o mesmo modo de agir da infantaria: *fogo e movimento*.

a) — *O inimigo reage com fogos de flanco:*

Se a unidade B, que tenta o desbordamento, é recebida com fogos de uma fracção inimiga, que se revela no flanco, ella se engaja contra essa fracção inimiga, e o chefe, persistindo na sua ideia, lança uma terceira unidade C, que de arremão estava escalonada, prevendo essa resistência, para tentar o desbordamento. Sempre uma protegendo pelo fogo a progressão da outra.

b) — *A acção se desenvolve mais ou menos livremente:*

Se a acção se desenvolve conforme a ideia do chefe, o inimigo, sentindo-se desbordado, trata de retrair-se antes de ser apanhado pelo flanco.

Pode acontecer que a unidade B, alcançando a posição em que pensava poder agir no desbordamento, encontre obstáculos naturaes que lhe não permittam o tiro; então, continuará a progredir, tentando o *envolvimento*, isto é, apanhar o inimigo pela retaguarda.

O R. S. C. pag. 59 — diz: As manobras resumem-se sempre na combinação do fogo e do movimento da infantaria, com apoio de toda a artilharia em condições de actuar, e em todo caso com o apoio intensivo de todos os orgãos de fogo disponíveis da propria infantaria. Pelo fogo, a infantaria destróe ou neutraliza todas as resistências do inimigo; pelo movimento, o desborda, o ultrapassa, o envolve e finalmente o agarra.

3) — *Como a unidade que desborda deve-se ligar a que ataca:*

A ligação de combate é sempre feita: nas unidades até o pelotão, pela vista ou por patrulhas; dahi para cima, por destacamentos de ligação, quasi sempre mixtos, isto é, com elementos de uma e outra unidade, mar-

chando em escalão recuado, e ás vezes com metralhadoras.

NOTA — O estudo que pede sobre a companhia pode ser feito pelo consultante e enviado a esta redacção, que o devolverá anotado.

II — ATAQUES CONVERGENTES:

Pode-se dar a mistura de unidades?

O ataque feito pela convergência de unidades que se acham em posições diferentes é possível, mas, nunca se pode dar a mistura de unidades, porque o objectivo é repartido entre elles e as suas zonas de acção delimitadas.

III — COROAVENTO DE POSIÇÃO CONQUISTADA:

A ocupação ou *coroamento*, como chama, da posição conquistada, nada mais é do que a sua organisação, isto é, o estabelecimento das armas automáticas, de modo a fazer, em frente á dita posição, uma barreira de fogos bastante poderosa para impedir ao inimigo toda operação de contra-offensiva.

Em geral, a parada em um objectivo (salvo o caso do inimigo bater francamente em retirada), é de duração apreciável. Então, logo que se apossam das posições, os grupos de combate utilizam-se dos acidentes do terreno ou de suas ferramentas para collocarem em posição suas armas automáticas, umas varrendo as direções de onde o inimigo pode contra-atacar, outras, secundadas pelas metralhadoras, collocam-se em flanqueamento, isto é, cruzando seus fogos em frente á posição.

Já se deixa ver que todos esses tiros são executados no caso em que o inimigo tente o contra-ataque.

O fim de tudo isso é conservar o objectivo conquistado, isto é, a base de partida para o ataque ao objectivo seguinte. Os elementos para o novo ataque serão reconstituídos e dispostos atrás dessa base.

Por ahi se vê que as posições a serem *coroadas*, são os objectivos alcançados.

As metralhadoras leves do btl. reforçam o fogo dos F. M., agindo em flanqueamento, isto é, fazendo na frente da posição, por seus fogos cruzados, uma barragem de fogos que o inimigo não pode transpor.

Quando a unidade vizinha se atraça, é preciso cobrir tambem o flanco, do lado della.

Em summa: Em cada parada sobre um objectivo, mesmo que seja curta, a preocupaçāo immediata e automatica de cada chefe de pequena unidade de infantaria deve ser: a organisaçāo de um sistema de fogos cruzados, assegurando em sua freute uma barragem tão completa quanto possivel.

No ultimo objectivo, o objectivo principal a occitar, uma organisaçāo mais estudada e completa substitue, pouco a pouco, essa primeira organisaçāo.

As missões ulteriores das metralhadoras são: 1.º — assegurar o desembocar da base de partida; 2.º — tomar parte no novo ataque.

Ellas podem atirar ou por cima das tropas, se o terreno permitte, ou pelo intervallo entre as unidades, graças á estabilidade de seu reparo.

Mas, jamais esse tiro deverá impedir a progressão das tropas do 1.º escalão.

PAES D'ANDRADE

O SERVIÇO DE INFORMAÇÕES NOS CORPOS DE TROPA DE INFANTARIA

(Traducçāo de «La Revue d'Infanterie» Cap. Gauché)

De todos os orgāos aos quais a ultima guerra deu nascimento, um existe, no que concerne á infantaria, cujo rendimento foi particularmente satisfactorio e que seria eminentemente util vêr subsistir na organisaçāo de amanhā: queremos falar do Serviço de informaçāes nos corpos de tropa de infantaria.

**

Depois das experiencias dos combates do Somme, durante os quais a frente attingida pelos nossos avanços successivos tinha sido tão difícil de estabelecer, o G. Q. G. sentiu a necessidade de organizar em cada corpo de tropa de infantaria um serviço de informaçāes regimental destinado:

1.º) A completar e a precisar certos pontos que escapam a uma observação distante, como a dos aviões e balões;

2.º) A fornecer ao commando indicações sobre a situação material e moral do inimigo, os detalhes de suas organizações defensivas, seu modo de ocupação, etc., que só pôde realizar uma observação approximada, paciente e continua.

No combate, em particular, o serviço de informaçāes regimental reveste uma importâcia capital. Ele deve permitir orientar o commando sobre a situação do inimigo, a proporção que se forem desenvolvendo as acções offensivas, em lugar de satisfazer-se, como aconteceu muitas vezes, com o precisar a situação a que se chegou, nada se pre-occupando com o que se passa com o inimigo.

**

Em presença do interesse que apresentava a existencia de um tal orgāo, decidiu o G. Q. G. a criação dum serviço de informaçāes regimental dirigido, em cada corpo de tropa,

por um oficial subalterno, denominado oficial de informaçāes, destacado de uma companhia para o Estado Maior do Regimento.

Esse oficial era secundado em cada Batalhão por um sargento pertencente ao mesmo Batalhão, mas consagrando-se especialmente ás suas funcções especiaes.

Nos termos das prescrições regulamentares, o oficial de informaçāes tinha a missão de provocar, recolher, examinar e coordenar as informaçāes de toda natureza concernentes ao inimigo.»

Elle devia esforçar-se por inculcar nas unidades do Regimento a idéa de que a «cooperação de todos é indispensável para obter do serviço o maximo rendimento e que todos os indícios relativos ao inimigo devem ser apaixonadamente procurados.»

Correspondendo a necessidades que se tinham nitidamente revelado, o serviço de informaçāes regimental, que funcionou de Novembro de 1916 até o final das hostilidades, forneceu em todos os escalões do commando os serviços os mais assignalados.

Esperamos que esse orgāo, que foi experimentado e justificou sua utilidade, seja mantido na nova organisaçāo de nossas tropas de campanha e é nesse propósito que vamos pôr em relevo, no presente estudo, o que lhe pôde ser pedido, como parece dever constituir-se e quais os deveres dos oficiais e graduados que delle forem encarregados.

I — Fim e organisaçāo do serviço de informaçāes regimental

O serviço de informaçāes, nos corpos de tropa de infantaria, deve ter essencialmente por objecto:

a) Permittir ás unidades engajadas (Regimento, Batalhão), agir com conhecimento de causa contra um adversario do qual se conhecem a situação e a força, isto é, com o maximo de probabilidades de sucesso;

b) Fornecer ao escalão superior indicações sobre a situação material e moral do inimigo, sobre suas organizações defensivas: repartição de suas forças e provaveis intenções.

Nada parece oppôr-se a que seja definitivamente mantida a organização do serviço de informações regimental prevista pelas instruções baixadas durante a guerra, uma vez que deu bons resultados. Ela compreenderia, por conseguinte, em cada corpo de tropa de infantaria, um oficial de informações (1.º ou 2.º tenente) e um sargento por Batalhão.

Entretanto, dada a importancia do serviço, e para não enfraquecer o quadro das unidades na mobilisação, seria de desejar que esse pessoal não fosse destacado das unidades interessadas, mas sim que fosse previsto nos quadros de efectivo de guerra no Estado Maior do Regimento.

Igualmente, convém notar que o rendimento do serviço de informações regimental dependerá do cuidado com que seu pessoal tenha podido preparar-se para suas futuras funções, uma vez que nada se improvisa na guerra.

O problema consiste em saber se, em virtude desse preparo, tal pessoal não conviria ser designado e instruído desde o tempo de paz.

A isto é possivel responder afirmativamente.

II — Papel e deveres do oficial de informações

O oficial de informações num corpo de tropa de infantaria, assemelha-se de algum modo á «2.ª Secção» do cmt. do corpo e deve estar sob as suas ordens imediatas.

Seu papel é de «recoller, provocar, examinar e coordenar as informações de toda sorte á cerca do inimigo.»

E', pois, todo de actividade: o oficial de informações não aguarda a chegada de informações; vai ao seu encontro.

E' pelo oficial de informações do corpo de tropa que o commando é orientado, dum modo preciso, sobre uma quantidade de pontos que escapam a uma observação longinqua, como a dos aviões ou balões.

Quer se trate de período de estabilização ou de movimento, o papel do oficial de informações é sempre o mesmo; só as condições nas quaes o trabalho é executado podem variar. A guerra de posição, diante de um inimigo cuja frente pouco varia e cujos trabalhos de organização se mostram lentos e progressivos, oferece o oficial de informações um conforto e uma calma relativos, que lhe permitem dar o necessário cuidado á redacção de seus relatórios e á confecção de cartas e esboços.

Elle terá tempo de possuir escrupulosamente em dia o «dossier» do sector, que comprehende uma capa especial para cada genero de reconhecimentos a ser recolhido (ver mais longe «Natureza das informações a recolher»).

Um plano director na escala de 1:5.000 é junto a cada uma das capas. O «dossier» do sector deve comportar, além disso, uma colleção de photographias verticais e obliquas e uma colleção de boletins de informações provindos dos escalões superiores.

Esse «dossier» permite ao oficial de informações a qualquer momento manter o coronel ao par da situação do inimigo na frente do Regimento e assegurar em cada substituição a continuidade na procura e aproveitamento das informações.

Na guerra de movimento, ao contrario, a situação do inimigo é essencialmente variável; se o oficial de informações procura fazer trabalho muito minucioso, arrisca a transmitir tarde de mais; ora, uma informação tardia é sempre inútil: na guerra de movimento tudo fica subordinado á rapidez na procura, aproveitamento e transmissão das informações; é justamente nos periodos de operações activas que o oficial de informações dará a medida de sua actividade e iniciativa.

* *

O oficial de informações deve possuir duas qualidades dominantes:

1.º) Ter uma cultura geral tão desenvolvida quanto possível. — Elle deve conhecer a lingua alemã ou, pelo menos, ter della noções indispensaveis.

Deve ser possuidor de solidos conhecimentos de topographia e cartographia (cartas e planos directores).

Afin de bem orientar suas investigações, elle deve ter senso tactico, ser capaz de apprehender perfeitamente a situação do seu Regimento e saber ler proveitosamente os diversos boletins de informações, dos quaes

retirará extractos para as unidades subordinadas.

Deve ainda conhecer a organização, armamento e material do exercito inimigo.

Deve possuir o senso de observação e de organização, assim de poder instruir seus superiores e observadores.

Emfim, deve estar em condições de redigir um relatorio claro e preciso.

2.º) TER O GOSTO DA INFORMAÇÃO.

Esperar que a informação se apresente é, na maioria das vezes, abandonal-a ou contar com a boa vontade dos desertores muitas vezes mal informados.

O oficial de informações deve ir ao encontro da informação e não se contentar com as que lhe chegam. Deve provocar, da parte de seu commandante de corpo, todas as medidas que possam facilitar-lhe a procura e, pessoalmente, desenvolver no seu sub-sector a maior actividade; nas unidades subordinadas estimular o zelo de cada um e em particular dos graduados, aos quais deve fazer compreender que a cooperação de todos é indispensável para dar ao serviço de informações regimental o maximo rendimento; o menor indicio julgado insignificante por quem o recolheu, pode ser o bastante para dar a uma informação um valor definitivo. Não é preciso dizer que o oficial de informações deve ser de inteira confiança de seu commandante de corpo, sem o que seu trabalho arriscaria tornar-se estéril.

Inversamente, o oficial de informações couba nenhuma deverá desprezar com o fim de entravar o serviço de informações do inimigo; deverá, portanto, incluir nas suas atribuições todas as questões relativas ao disfarce e à manutenção do segredo das operações. Por sua acção pessoal elle pode, aí tambem, prestar enormes serviços.

III — Natureza das informações a recolher

1.º) FRENTE OCCUPADA PELO INIMIGO

Antes de mais nada, determinar a frente ocupada pelo adversario.

Esta questão, secundaria na guerra de estabilização (frente determinada uma vez por todas pelo proprio traçado das trincheiras), adquire importância capital na guerra de movimento; é preciso que a todo momento, e sobretudo no fim do dia, o oficial de informações possa trasladar com exactidão para uma carta a frente attingida pelas unidades de primeira linha, e as resistências prin-

cípares ante as quais elas se chocaram; essas informações são necessárias ao commando para retomar a batalha e regular em particular a acção da artilharia.

2.º) ORDEM DE BATALHA,

A ordem de batalha do inimigo comprehende:

A natureza e o valor das forças inimigas oppostas ao Regimento de Infantaria;

Sua repartição no terreno:

Repartição de tropa, primeira linha, apoios, reservas, elementos em repouso;

Repartição dos P. C., observatorios, postos de escuta;

Vida no interior das linhas inimigas;

Mecanismo das substituições;

Disposições previstas em caso de ataque (acção dos diferentes escalões e itinerarios); Circulação.

3.º) AS ORGANISAÇÕES DEFENSIVAS DO INIMIGO

As organizações defensivas do inimigo devem ser mantidas em dia com o maior cuidado e em todos os seus detalhes durante a guerra de estabilização. No sub-sector do Regimento, duas zonas devem ser particularmente estudadas:

A zona dos P. A. (Vorfeldzone), cujo conhecimento é necessário para a expedição de patrulhas e a execução dos golpes de mão (coups de main);

A linha principal de resistencia (Hauptwiderstandlinie), cujo conhecimento é necessário para a judiciosa collocação de todos os meios de ataque do Regimento.

Essas informações completas sobre as organizações inimigas dizem respeito sobre tudo à guerra de estabilização.

4.º) ACTIVIDADE DO INIMIGO

A observação da actividade do inimigo desempenha um papel saliente na determinação das suas intenções. Ela visa:

a) actividade da infantaria. — A actividade da infantaria se traduz pela remessa de patrulhas, execução de golpes de mão, ou de ataques; para determinar as intenções do inimigo não é suficiente, por si só, a observação da actividade de sua infantaria: uma infantaria pode, com efeito, permanecer em uma situação passiva para máscarar suas intenções agressivas e para evitar particularmente deixar prisioneiros nas mãos do adversario.

Foi assim que, nos 15 dias que precederam à offensiva alema de 15 de Julho de 1918, nenhum infante saiu das trincheiras.

Inversamente, uma infantaria pôde desenvolver grande actividade numa frente para fixar nesse ponto a atenção do adversário e desencadear em outro lugar a acção principal.

b) actividade da artilharia. — O oficial de informações só pôde recolher informações muito simples, dizendo respeito aos pontos seguintes:

Calibre dos projecteis;
Natureza dos projecteis;
Pontos particularmente bombardeados.

Não se trata, nesse trabalho de investigação, de contar os tiros um a um, mas de dar uma indicação em números redondos (10, 20, 50, 100 tiros) que permita caracterizar os tiros (regulação, destruição, represalia). O oficial de informações deve anotar exactamente os pontos bombardeados por obuzes toxicos e em particular as regiões hyperitadas. Graças às informações de contacto, a carta das regiões hyperitadas pôde ser organizada durante as hostilidades pela

«2.ª Secção». Esta carta prestou os maiores serviços durante todo o anno de 1918.

c) actividade da aviação. — As tropas do primeiro escalão ou approximadas da frente estão em condições de observar o maior numero de aviões inimigos, quer voando acima delas, quer voando nas linhas adversas.

Haverá interesse em que os observadores de aviões sejam instruídos em cada Regimento de Infantaria. A principio ensinar-se-lhes-ha a distinguir os aviões francêzes dos alemães e em seguida, tanto quanto possível, determinar a missão do avião inimigo á simples observação de seu vôo.

A super-actividade da aviação é um indicio precioso, que permite precisar as intenções do inimigo.

d) Signaes — O oficial de informações deve conhecer a natureza e significação dos foguetes e verificar os pontos donde são lançados.

(Continua)

1.º TTE. OSMAN MEDEIROS

OS THEMAS DA MISSÃO

No primeiro anno em que a Missão Militar Franceza iniciou sua tarefa, houve de parte de nossa officialidade uma certa prevenção, não só contra seus methodos, como contra os julgamentos dos themes dados na Escola de Estado Maior.

Vieram depois os annos em que ella conseguiu impôr-se pela sua competencia profissional, e hoje todos são unanimes em proclamar que proveitosas são as lições que ella nos dá e admirável a sua dedicação.

Em 1920, havia um certo receio de que os officiaes francezes adoptassem, nos julgamentos dos themes, os processos do *magister-dicit*.

E' sobre isso que desejo dar aqui um testemunho favoravel à Missão, publicando na «Defesa Nacional» o seguinte tema, que mereceu grão alto do Coronel Deraugemont, e para o qual não adoptei a mesma solução que elle deu.

As suas corrigendas conserva-as-ei entre parenteses, como ensinamento aos que estudarem este tema, e para que se possa ver a rectidão com que foram feitas.

(Carta de Pirassununga 1: 100.000)

SITUAÇÃO GERAL

Acaba de ser declarada a guerra entre dois Estados, um do Norte (vermelho) e outro do Sul (azul). O Rio Mogy-Guassú é a fronteira comum.

No Estado do Norte a 1.ª D. C. (Q. G. em S. Rita de P. Quatro) é incumbida da defesa do sector de cobertura compreendido entre o Rio das Pedras ou Cachoeirinha a Oeste e a confluencia do Jaguary no Mogy-Guassú a Leste.

Ella não pôde impedir que o inimigo passasse o Rio Mogy-Guassú e recebe a missão de cobrir a concentração de um exercito, que se effectua na região N. de Rocinha, a uns 50 kms. de S. Rita.

A 1.ª D. I. (azul) atravessou o Mogy-Guassú na região Mineiros—Caixeiro e, depois de uma grande marcha, desalojou a D. C. da região de S. Rita.

SITUAÇÃO PARTICULAR

Ao alvorecer de 14 de Maio a 1.ª D. I. do partido azul poe-se em marcha para o Rio Claro em duas columnas, uma por Faz. Palestina—S. Vicente, outra por Luiz Pavão—Itaóca.

Durante a marcha foi feito um grande alto e pelo meio-dia as vanguardas entraram em contacto com a linha de defesa inimiga sobre o Rio Claro, cujas pontes estão destruidas.

Graças à superioridade em artilharia, a infantaria dessas vanguardas poude, sem grandes dificuldades, transpor o Rio Claro por meios de occasião e proseguiu para as alturas da margem N., não tendo a cavallaria inimiga oferecido resistencia tenaz. Mas logo depois chocam-se com

uma defesa mais séria sobre a linha Faz. Albertina—Villinho—M. Itatiaya e são obrigadas a parar.

Nesse meio tempo, a engenharia conseguiu fazer passar em jangatá, dois grupos de A. C. para a margem N., um na região de Evaristo, outro na de J. Prezinho. Uma bateria de montanha passou com cada um desses grupos. Um terceiro grupo de A. C. pôde passar a vâo ao S. da Faz. Rio Claro.

Além disso, a engenharia construiu 2 pontilhões para a infantaria, um ao S. de Evaristo, outra em J. Prezinho, o que permitiu fazer o resto da infantaria da divisão passar para a margem N.

Pelas 17 horas um ataque, poderosamente apoiado pela A. C., artilharia de montanha e artilharia pesada, permitiu a 2 batalhões de caçadores da columna da direita apoderarem-se do massigo do M. Itatiaya e depois da Faz. S. Cruz. A infantaria inimiga, que resistiu vigorosamente, sofreu grandes perdas, inclusive elevado numero de prisioneiros.

Mais a Oeste, o inimigo começou a bater *em retirada* para o N. e a vanguarda da columna esquerda pôde atingir a borda N. do planalto de S. Rita. Um regimento de cavalaria inimiga, que procurava passar o rio a N. de Francisco de Paula (3 km. a N. S. Rita), foi atingido pelo fogo da artilharia e sofreu perdas consideráveis.

Com exceção de algumas fracções que retiraram para J. Rodrigues e mantêm a passagem do Rib. da Prata, o grosso da D. C. inimiga retirou sobre a linha geral: V. Ribeiro, Faz. do Banco, Villas Boas.

A's 19 horas a cavalaria da 1.ª D. I., que permaneceu em contacto, informa que o inimigo se recolhe para N. do Rib. das Pombas.

As informações da aviação, chegadas no correr do dia mostram que 2 D. I., inimigas, depois de uma grande etapa, atingiram Rocinha e Cachoeirinha com suas respectivas vanguardas; mais a L. uma brigada mixta chegou à região de S. Pedro; fracções pouco importantes de cavalaria inimiga estão sobre a via-ferrea, de Correjo Fundo a Est. Faveiro.

A's 19 h. 30 o General Commandante da 1.ª D. I., cujo P. C. está instalado em S. Rita, recebe do Commandante do Exercito a seguinte instrução pessoal e secreta:

I. O grosso do exercito inimigo parece francamente orientado para S. O., na direcção geral de Correjo Fundo—S. Rita.

II. Minha intenção nas operações de 15 é contê-lo sobre minha esquerda com a 1.ª D. I., apoiada pela 3.ª Brigada de Cavalaria e levar a 2.ª e a 3.ª D. I. à região Est. Faveiro Tambahú—Terra Vermelha, com o fim de pronunciar no dia 16, com essas duas D. I., um ataque geral sobre seu flanco esquerdo.

III. Para isso:

a) A 1.ª D. I. ocupará amanhã (15) pela manhã a linha geral V. Ribeiro—Faz. do Banco—Serra do Cor. Fundo—crista a O. de Retiro Grande, frente a N. e frente a L. e manterá a todo custo essas alturas, que constituem o *pivot* da manobra do exercito. Q. G. em S. Rita.

b) A 3.ª Brigada de Cavalaria (com 1 grupo a cavalo e 1 batalhão de infantaria montada) conseguiu transpor à tarde de hoje o Mogi-

Guassú na região de Porto do Amaral e alcançou o planalto de Faz. De Taquaral, onde estaciona. Amanhã pela manhã ella deve procurar tomar pé sobre o planalto de Serrado e tem por missão cobrir o flanco esquerdo e as retaguardas da 1.ª D. I.

c) A 3.ª D. I. marchará por Faz. Campineiro—S. Cruz da Estrela sobre Faz. do Arrepentido e Est. Faveiro.

d) A 2.ª D. I. marchará por Cel. Egydio sobre Tambahú e Terra Vermelha.

IV. O Q. G. do Exercito funcionará a 15, a partir de meio dia, em Porto Ferreira.

P. C. do Exercito a 15, a partir de 8 h., em Itaóca.

A mesma hora (19 h. 30) o General Commandante da 1.ª D. I. acaba de receber as informações de seus subordinados que lhe precisam a situação dos diversos elementos da divisão. A situação é a seguinte:

P. C. da D. I.: S. Rita

P. C. da 1.ª Brig. Inf.: S. Rita

1º R. I. { 1 Batalhão: Faz. Albertina
P. C.: S. Rita { 1 " : Sítio e Francisco de Paula
1 " : S. Rita

2º R. I. { 1 Batalhão: Faz. Sant'Anna
P. C. Faz. { 1 " : Néca
Sant'Anna { 1 " : sobre a margem S. do Rio Claro
(em apoio da artilharia)

P. C. da 2.ª Brig. Inf.: Faz. Jamaica.

1º Grupo de Bat. Caç. { 1º B. Caç.: Villinho—Faz. S. Cruz
P. C.: Bernardo { 2º " : M. Itatiaya
3º " : Bernardo

4º R. I. { 2 batalhões: S. Cruz do Rio Claro (menos
P. C.: S. Cruz do Rio Claro { 1 C. deixada na margem S. do Rio Claro
em apoio de artilharia)
1 Batalhão: Faz. Rio Claro.

1º R. C.: Grosso em Faz. Oriente e Faz. do Banco (P. C.), com patrulhas em contacto com o inimigo sobre a via-ferrea e sobre o Rib. das Pombas e da Prata.

1º R. A. C. { 1 grupo: N. O. da Faz. Sant'Anna
P. C. Procopio { 2º grupos: sobre a crista 3 km. a N. de S. Vicente

2º R. A. C. { 1 grupo: N. E. de Néca
P. C.: S. Cruz do Rio Claro { 1 " : N. E. de S. Cruz do Rio Claro
1 " : S. de Itaóca.

1º grupo de montanha { 1 Bateria: Bernardo
P. C. Faz.: Jamaica { 1 " : Faz. Jamaica

Reg. de Art. Pesada { 1º grupo 155 C. } O de Faz S. Valentim
P. C.: Faz. S. Valentim { 2º " : 120 L. : S. de Faz S. Valentim
lentim { 1º " : 120 L. : S. de Faz S. Valentim

1º Bat. de Eng. { 1º C. de sapadores: S. de Evaristo.
P. C.: Bianzotti { 2º " : J. Prezinho.

C. de ponts: Penteado (45 ordens do exercito)

Reg. de trabalhadores de infantaria: distribuído entre os diversos grupos de parques e comboios para escoltar os e eventualmente melhorar os caminhos.

Esquadilha: todos os aviões entraram no parque a N. E. de Laranja Azeda, salvo um que foi abatido por um avião inimigo na região de Bico de Pato. Um escala avançado, que tinha organizado a partir de meio dia um terreno de aterrissagem auxiliar sobre o planalto 800 (S. O. de Itaóca) está ainda nesse ponto.

As companhias de engenharia, tendo conseguido organizar à tarde 2 balsas de vai-vem sobre o Rio Claro, puderam passar para a margem N., até as 19 h. 30:

— os 1.ºs escalões dos T. C. dos corpos de infantaria (viaturas de munições, viaturas de ferentes, viaturas sanitárias). Essas viaturas já encaram ou estão em marcha para se juntarem a seus corpos;

— as columnas ligeiras dos grupos que já estão em posição na margem N.;

— a maior parte da companhia de transmissões (com seu material) que se transportou a Rita;

— o G. P. D. (grupo de padoleiros divisionário).

Os 2.ºs escalões dos T. C. (viaturas de viveiros, de bagagens e cozinhas) estão grupados na margem S. do Rio Claro, perto das 2 balsas. O Q. G. (2.º escalão) da D. I. está perto da S. a S. de Evaristo.

Serviços e T. E. (situação às 19 h. 30).

Depósito divisionário: ficou em Pirassununga.

Columna de munições divisionária:

— Secção de munição de infantaria: sobre a margem S. do Rio Claro, parte na balsa a S. Evaristo, parte na balsa de J. Prezinho. As viaturas de munições dos T. C. de infantaria já distribuído seu conteúdo às unidades antes de terem estas passado para a margem N.; sua vez essas viaturas foram reabastecidas na S. M. I. antes de serem transportadas para aquela margem.

— 1.º S. M. A. C. em J. Procopio: reabasteceu as columnas ligeiras dos 3 grupos do 1.º R. A. C. do grupo de montanha (antes das columnas de grupo de campanha e do grupo de montanha terem passado para o N. do rio).

— 1.º S. M. A. G. em Itaóca: reabasteceu as columnas ligeiras dos grupos do 2.º R. A. C. antes das columnas de 2 grupos terem passado para o N. do Rio Claro.

— 1.º S. M. A. P. ao sul de Faz. de S. Vitor: reabasteceu as columnas ligeiras dos 3 grupos de A. P.

Os consumos médios no dia foram de:

40 cartuchos	por fusil
150 "	por F. M.
100 "	por M.
100 tiros	por 75 campanha
100 "	por 75 montanha
30 "	por 155 curto
15 "	por 120 longo

Serviço de saúde — O G. P. D. que igualmente passou para a margem N. do Rio Claro, estabeleceu seu posto central no encontro de estradas 1 km. a S. E. de Faz. Sant' Anna. Aproximando os movimentos de volta das balsas, evitou os feridos transportáveis e os levemente feridos da primeira fase do combate (comentado nas alturas imediatamente a N. de Rio Claro) para uma ambulância ordinária instalada na margem S. do Rio Claro na região de J. Prezinho.

Os feridos, assaz numerosos, da segunda fase de combate, ainda não puderam ser conduzidos para a retaguarda, devido à fadiga dos padoleiros dos corpos, e estão grupados nos 5 (postos de socorro) regimentais:

— S. Rita (1.º R. I.);

— Faz. Jamaica e Bernardo (Batalhões de 4.º), (nesses dois pontos o número é particularmente elevado);

— S. Cruz do Rio Claro (4.º R. I.);

As outras ambulâncias, ainda não instaladas,

— 1 ambulância ordinária: margem S. do Rio Claro (a S. de Evaristo);

— 2 ambulâncias ordinárias | nos arredores do cruzamento
— 2 ambulâncias cirúrgicas | de caminhos 1500 metros a
— columna de evacuações | S. O. de J. Procopio

Segundo, as partes dos médicos dos corpos, relativas ao número de feridos, o médico chefe divisionário considera necessário instalar sobre a margem N. do Rio Claro uma outra ambulância ordinária e uma ambulância cirúrgica.

Engenharia — O parque de engenharia está sobre a margem S. do Rio Claro, nos arredores da ponte destruída na estrada S. Rita—Porto Ferreira.

A equipagem de ponte do Exército, à disposição da Divisão, marchou para N. assim que terminou seu desembarque em Pirassununga. Fez alto nos arredores do cruzamento de caminhos, 500 metros a S. O. de J. Procopio e espera novas ordens. É acompanhado por uma companhia de pontoneiros.

O parque ligeiro de reparações de artilharia está no encontro de caminhos da cota 600 (estrada P. Ferreira—Faz. Campineiro).

O depósito de remonta móvel está na região de Faz. Palestina.

O comboio administrativo, igualmente na região de Faz. Palestina.

parados e esperando novas ordens.

O grupo de secções de distribuição dos T. E. está ao S. do cruzamento de caminhos a 1500 metros a S. O. de J. Procopio, à retaguarda das ambulâncias e da equipagem de pontes.

O grupo de secções de reabastecimento dos T. E. (secções que foram reabastecidas durante o dia 14) está parado na região de F. Franco. Esses dois grupos esperam ordens.

Ao mesmo tempo que recebeu a instrução pessoal e secreta mencionada acima, o General Commandante da 1.ª D. I. recebeu diferentes ordens e instruções do Exército, contendo as prescrições e informações seguintes:

1.º A aviação da 1.ª D. I. executará a 15 seus reconhecimentos no sector: S. Rita—M. Vermelho (canto N. O. da carta)—Est. Sucury—Rocinha—Cachoeirinha—M. Bôa Vista—Tambahú—S. Cruz da Estrela.

2.º A 3.ª D. I. construirá 2 pontes a N. de Porto Ferreira e ligou-as separada e respectivamente às duas estradas que vão — uma para S. Rita, outra para Faz. Campineiro — assim como à gare de Porto Ferreira.

Nessas condições, a 1.ª D. I. disporá, para os movimentos de suas viaturas, da estrada que vai a S. Rita e a 3.ª D. I. da que vai a Faz. Campineiro. (As duas estradas são completamente distintas desde a gare de Porto Ferreira).

Consequentemente, todos os parques e comboios da 1.ª D. I. deverão estar a 15, às 5 h., ao N. da estrada para Faz. Campineiro.

3.º Um grupo de 155 longo do Exército foi posto à disposição da 1.ª D. I. e terá feito o desembarque na estação de Porto Ferreira a 15 às 8 h.

4.º Um comboio auxiliar de exercito, vazio (unidade de transporte) desembarcará também em Porto Ferreira e será posto à disposição

da 1.^a D. I. a partir das 10 h.

5.^o Gare de reabastecimento para a 1.^a D. I. a 15: Porto Ferreira, a partir do meio-dia.

O correio postal chegará por esse trem.

6.^o Um centro de informações de exercito funcionará em S. Rita a 15, a partir das 9 h.

7.^o Posto telegraphico de exercito para a 1.^a D. I.: S. Vicente — aberto a 15, a partir das 6 h.

8.^o Um trem de munições, transportando 1 dia de fogo para infantaria, artilharia de campanha e de montanha e artilharia pesada, estará ás 15 h. na Gare de Porto Ferreira.

9.^o Um parque de prisioneiros de guerra (órgão de exercito) funcionará em Porto Ferreira a 15, a partir das 10 h.

10.^o O deposito divisionario da 1.^a D. I. se transportará a 15, por Sítio do Clemente, a Porto Ferreira, onde o serviço de Estado Maior lhe indicará um local para bivaque a S. da povoação.

Além dos prisioneiros feridos recolhidos aos P. S. ou á ambulancia, a 1.^a D. I. fez durante o dia cerca de 300 prisioneiros validos, que, ás 21 h., acham-se grupados no P. C. da divisão para serem interrogados pelos officiaes da 2.^a

secção. Pertencem ás unidades da 1.^a D. I. inimiga já identificadas anteriormente, entre elas compreendido batalhão do 13.^o R. I. A novidade que o interrogatorio proporciona é a presença de um grupo do 5.^o R. A. C. c. esta D. C.

Além disso, no terreno da ação ficou certo numero de mortos, seja do inimigo, seja da 1.^a D. I.

Trabalho a executar

1.^o Redigir a ordem de estacionamento e 2.^a partes), dada pelo General Command da 1.^a D. I., para a noite de 14 a 15.

2.^o Redigir a ordem de operações (1.^a e partes) para o dia 15.

3.^o Redigir as ordens e instruções partilares dadas á aviação, á cavalaria para ligações no dia 15.

4.^o Redigir, se houver logar, as ordens partilares dadas a chefes de serviços na noite 14 para 15 e manhã de 15.

5.^o Redigir, se houver logar, os pedidos rígidos ao exercito.

A solução será publicada no proximo numero

CAP. BENTES MONTEIRO

Cavacos profissionaes

II

Vida e justeza do fuzil 7 m/m modelo 1908 «P»

Rio, 24 de Março de 1913. Chegámos de Corumbá — do Estado de Matto Grosso — para onde, a nosso pedido, por curiosidade histórica, tinhamos ido do 54.^o B/C, com parada na insulada capital de Santa Catharina, (1) de gente singela e bôa.

Lá, em Corumbá, e no 13.^o R/I, durante os 12 mezes da nossa estadia na cidade, que, altaneira, topographica e historicamente, mira as aguas turvas e vegetosas do monotono e transbordante Paraguay, estivemos em franca e ininterrupta actividade profissional, nos multiplos affazeres nobres da caserna, maximé com duas ou tres accumulações que, embora forçadas (que, certo, não previo o legislador constituinte), por falta quasi absoluta de officiaes naquellas paragens, já não eram remuneradas e tinhámós ainda a incumbencia de ministrar a

instrução de tiro ás praças de dous batalhões (com efectivo em praça quasi completo) do nosso Regimento e ainda sobrava tempo (ou patriotismo — por que foi sempre desinteressadamente que trabalhamos em prol da instrução militar meio civil, em S. Catharina, M. Grosso (Minas Geraes) — para organizarmos uma Sociedade de tiro civil que, logo após, confederada com o n. 212, — a primeira assim desse longínquo Estado de filhos bravos e fortes.

No Rio, soubemos logo da novidade: publicação da 1.^a edição do Regulamento Tiro de Infantaria (o R. T. I., cuja 2.^a edição, datada de Setembro de 1919, vigia ainda). Procuramol-a sofregamente, e a leitura logo nos deu a impressão de estarmos recordando o similar allemão, em sua edição francesa, como já dissemos por estrelas columnas, (embora já se ter dito ou cripto ser tradução de uma edição argentina que é quasi o mesmo), sobre o que já tínhamos relanceado a vista.

E nem podia ser de modo diferente porque o nosso tão simples, ao tempo, a

(1) — Onde, a convite pessoal do Exmo. Sur. General Mariano de Magalhães, a quem não nos ligavam senão os laços da camaradagem militar e que ali se achava em serviço de inspeção, fomos ser instrutores do Tiro 40^o, que existia há dous annos, e cuja 1.^a turma de reservistas, exercitados até em manobras de guarnição por nós, apresentamos ao fim de 6 mezes de nosso instrutorado, sem prejuízo das nossas funções de Director da Escola Regimental do nosso Batalhão, para em cuja direção, aqui sim, pedimos para continuar, a qual enchamos de alumnos catados por nós nas companhias.

amento de infantaria (fuzil e mosquetão), como ajuda o é, de fabricação alemã, em a vantagem de possuir qualidades balísticas melhores que as do modelo de que gitou qualquer d'aqueles R. T. I...

Não praticamos imediatamente essa 1.ª lição do nosso R. T. I., porque viemos trair a Escola de Estado Maior (então na essa sempre lembrada e saudosa Praia Vermelha), para o que, justamente, tínhamos vindo de M. Grosso, e cujo curso, para mos á terra natal, por motivos quasi independentes da nossa vontade, interrompemos imediatamente depois que fizemos os exames do seu 1.º anno dos tres de que já se compunha com a sobrecarga forçada, então, a complexa e difícil, mas encantadora, eodésia.

*

De regresso do central Estado natal e já a mineira cidade de S. João d'El Rey, para fins de 1915, no, ao tempo, 51.º B/C. o comando efectivo do então Tenente-coronel Pedra, fomos encarregados, (eramos ainda 2.º Tenente e um dos subalternos da Companhia, por sua vez comandada pelo capitão Fernando Silveira, hoje, como quelle, reformado) da instrução de tiro da nossa pequena unidade (naquelle tempo a instrução do soldado ainda não estava distribuída pelos pelotões como hoje — pelo menos nos regulamentos — e nem se admitia o título «Sub-unidade» ás Companhias). Esse Batalhão, que vinha de chegar do contestado, Paraná—S. Catharina, já possuia o novo armamento — Fuzil Mauser 7.92 mm , modelo 1908 «P» — que fomos encontrar já com algum uso.

Porque, em summa, estivemos no fim do anno de instrução, procuramos proceder, e accordo com o regulamento, á verificação a justeza do armamento da nossa Companhia, armamento que, se nos não enganamos, constava de uns 110 fuzis e 4 mosquetões, para iniciarmos, em seguida, a instrução de tiro de suas praças.

E como não existisse archivado na Companhia ou no Batalhão, escripto, o estado «actual» — da vida do armamento (naquelle tempo não se exigiam os mappas trimestraes referentes, que ainda hoje não dão em absoluto, pela incomprensão quasi geral, de sua utilidade, uma noticia real daquelle estado da vida de cada arma) e penas dispunhamos dos chamados diagrammas dos tiros da experientia final, feita, ainda, cremos, na fabrica de origem, mais

rigorosas foram (embora com os recursos espontaneos ou rudimentares de que dispunhamos para umas operações e os regulamentares, pela primeira vez mais razoavelmente utilizados, para as demais operações, desse serviço, porém accionados — esses recursos — pela nossa sempre sincera e firme vontade) as nossas investigações relativas a esse serviço que, pela primeira vez praticavamos.

Começamos pela tomada do calibre do armamento (a que fomos levados, espontaneamente, pela leitura de publicações estrangeiras e algumas nacionaes, não regulamentares), cuja execução, por falta dos actuaes calibradores, foi levada a cabo com as proprias balas ainda não usadas, e por nós adoptados esse nosso serviço, assim como verificamos o seu funcionamento normal e posição relativa de algumas de suas peças, especialmente do apparelho de pontaria (orientados por umas instruções especiaes já existentes), para separarmos desde logo dos nossos trabalhos ulteriores, os fuzis e mosquetões que não estivessem com o calibre igual ou proximamente ao normal (a esse tempo ainda não eram officiaes as instruções sobre a «Nomenclatura e Funcionamento do Fuzil Mauser, modelo 1908», organizadas pelo Sur., ao tempo, Capitão Luiz Mariano Pereira de Andrade, (1) instruções de que já tínhamos tido noticia, se não nos enganamos, pelas patrióticas páginas desta revista, depois oficialisadas por acto ministerial de 27 de Dezembro de 1916, que dão como calibres toleraveis os de 6.5 mm , 7.92 mm , 9.9 mm , 10.6 mm , inclusiveis).

Como não existissem, tambem, (pelo menos no nosso batalhão provinciano), alvos proprios de tamanho natural e os respectivos reduzidos para o levantamento, seja pela copia immediata, seja pelo moroso (e ainda não comprehensivel pelos nossos cabos e até sargentos) das coordenadas, dos impactos (que ainda são chamados diagrammas), impressos, como os ha hoje distribuidos aos corpos de tropa (e á venda no Almoxarifado do Serviço Geographic do Exercito, aqui, no Morro da Conceição, onde ao tempo do conciliador e agitado governo Prudente de Moraes (2) montamos algumas guardas como soldados, que eramos e do antigo 23.º Batalhão de Infantaria da ex-rua do Areal).

(1) — Esse nosso tecnico e prezado camarada fez parte da comissão de compra e recebimento desse armamento.

(2) — Fomos uma das sentinelas, na noite de 5 para 6, à residencia de uma das altas autoridades attingidas pela conciliação suggestionada do treliçado anseigado Marcellino Bispo, no cattentado de 5º, tudo de Novembro de 1897.

Para evitar delongas oriundas da aquisição da impressão de tales alvos aqui no Rio, pedimos e obtivemos autorização franca para adquirirmos directamente, e como pudessemos, o material necessário à sua confecção manual, confecção que conseguimos com o auxílio de dous habeis graduados (Sargento Moreira e um cabo cujo nome e prenome nos escapam, privando-nos deste singelo preito de gratidão), praças essas que foram os nossos humildes, uteis e dedicados auxiliares em todo esse serviço, que se estendeu depois a todo o armamento do Batalhão por um acordo entre o seu commandante e os de outras Companhias.

Assim é que nós, os tres, fazendo-nos de operarios e de «atiradores exímios», (*classe essa não regulamentada entre nós*), porque já atiravamos, os tres, sinceramente regular, com aquelles recursos e com as precauções asseguradoras da maior estabilidade possível, da arma, sem vento sensível, temperatura media local e em dias suficientemente claros, verificamos a justeza de todo o armamento, ou «o estado de suas qualidades balísticas», porque todo elle estava em bôas condições de calibre e funcionamento. Nessa pesquisa encontramos apenas uns 4 ou 5% de armas que não satisfizeram as condições de justeza, mesmo aos tres tiros de uma 2.ª serie, que nos faculta, é óbvio dizermos, o regulamento.

* * *

Em 1918 - 1919, na 10.ª Companhia de Metralhadoras, que guarnecia a Fabrica de P. s/Fumaça, em Piquete — reconcavo paraíso da Mantiqueira, do lado paulista (cuja existencia efectiva ali só foi em quanto «o Brasil esteve em guerra com a Alemanha», para onde nos mandaram (depois de não terem aceito o nosso pedido, regularmente feito, para irmos tomar parte na Grande Guerra, como oficial de infantaria — que sempre fomos — ou praticante do Serviço de Estado-Maior cujo curso acabavamos de fazer, quando para elles, a Grande Guerra, foram mandados alguns camaradas nossos e até civis militarizados), procedemos à mesma verificação nos seus mosquetões, todos mais ou menos novos e calibrados, resultados mais ou menos iguaes aos obtidos no 51.º B/C, em S. João d'El Rey.

* * *

Em 1919 - 1920, ainda no Estado de S. Paulo, porém já em Lorena (cidade em que reside o philantropo e «único Conde sobrevivente no Brasil, da Monarchia brasileira»)

no antigo 53.º e hoje 5.º B/C, essa inspeção em um armamento já trabalhado, nos lembramos se desde 1915 ou 1916 com uma expedição a Matto Grosso, onde uma sua parte foi aos mólhes vagões de carga de estradas de ferro e rões de navios, apresentou, não obstante mesmas precauções de nossa parte, tales sultados que, estes, preocuparam-se mente o então commandante da respectiva Divisão do Exercito, que era o Exmº S. General Barbedo, pois se nos não trahiu memoria, a nós, que dirigimos directamente esse trabalho no armamento da Companhia que commandavamos interinamente (era 1.º Tenente) e depois, de ordem superior de revisão do de outras sub-unidades Batalhão, encontramos uns 6% de armas descalibradas, isto é, com calibre superior a 7mm, 06, e 25% das que, com calibre normal ou tolerável (já dispunhamos dos calibradores actuaes), não satisfizeram as condições de justeza, das quais uma com cano que nos pareceu torto, porque, embora com calibre tolerável e o apparelho de partaria em bôas condições, não deu um impacto sequer, nem mesmo «fóra da zona».

* * *

Aqui, no Rio, no inicio do anno que pouco se findou, assumindo nós o commando de uma Companhia (já eramos Capitão aperfeiçoado pela M. M. F.), antes de iniciarmos a instrução de tiro sujeitamos verificação de justeza os seus fuzis e mosquetões. Quasi todo esse armamento foi distribuído dentro do anno de 1915, e a data dessa verificação estavam registrados 300 tiros, em media, por arma, porém sem registro do estado de sua vida.

Esse serviço foi iniciado sob a direcção de um Tenente e terminado por outro, sempre prompto este, o unico subalterno com quem (1) enfrentamos, e levamos a bom termo, a instrução de mais de cem recrutas numa época de intransquilidades sanitárias da ordem publica, nesta nossa guarnição especialmente.

As armas que não satisfizeram as condições de justeza na 1.ª serie foram sujeitas a uma 2.ª serie, de 3 tiros. Destas, as que ainda não satisfizeram levamos até uma 3.ª ou 4.ª serie, mas somente para uma observação pessoal, nossa, dos respectivos impactos.

(1) — Aqui o nosso público reconhecimento aos Srs. Tenentes Lefêno de Guimaraes Leite.

Resultados: Dos 46 %, de armas com o calibre tolerável (entre 6 m/m, 99 e 7 m/m, 06), porque 54 %, estavam descalibrados (calibre superior a 7 m/m, 06), apenas 35 %, podiam fazer (e fizeram, no nosso comando) os «tiros de instrução», isto é, foram dadas como justas. E disso tudo demos conta quando apresentamos o nosso seguinte primeiro «Registro das armas», correspondente ao 1.º trimestre desse anno de 1922, resultados repetidos no nosso 2.º e ultimo trimestre, porque em Julho imediato fomos deslocados dessa Companhia.

*

No inicio deste anno de 1923, com o mesmo zelo de annos anteriores, procedemos á verificação de justeza em os 14 fuzis (um ou dous com o calibre normal, alguns com elle entre 7 m/m e 7 m/m, 03 e uns dous com entre 7 m/m, 03 e 7 m/m, 06, quasi todos com pouco mais de cem tiros, em média, registrados) e 11 mosquetões, de uma pequena sub-unidade constituída só de praças promptas de instrução e engajadas; destas ultimas armas, cuja verificação de calibre accusou resultados mais lisongeiros, 10, recebidas recentemente, por devolvidas ao Regimento de um emprestimo a uma jovem unidade das visinhanças, não foram acompanhadas, ao entrarem nessa sub-unidade, do seu estado de vida ou, pelo menos, dos tiros dados anteriormente, mas que não podem ser muitos.

Resultado final na verificação: 4 fuzis e os 11 mosquetões satisfizeram as condições de justeza, exigidas pelo regulamento, aos nossos 3 tiros (pois que sempre atiramos nesse serviço presidido por nós), aos que, mesmo em uma 2.ª serie (nossa) resistiram os 10 fuzis dados como injustos no fim das duas primeiras series (cada uma por um atirador diferente, dos quais um eramos nós), cujos grupamentos, já de 4 series, feitas mais para observação pessoal nossa, comparados com os das outras armas consideradas justas seriam bastante para convencer os mais arraigados incredulos da necesidade, pela sua utilidade, da verificação de justeza.

*

Ahi está, até á data em que terminamos este trabalho, o cyclo da nossa actividade profissional, sem desfalecimento, apezar de algumas resistencias do meio, ao serviço do afastamento do «tiro de instrução», tão sómente, dos fuzis e mosquetões injustos e dos já descalibrados.

E porque dissemos afastar dos «tiros de instrução», tão sómente, dos fuzis e mosquetões injustos?

Parecerá, isso, a muitos, repetir uma cousa sediça. Não o é, porque com o dizer que se não deve verificar a justeza do armamento (que alguns ainda confundem com a prévia verificação do calibre da arma) com o receio de quasi todo elle, «com a falta de recursos para essa operação» seja dado como não justo e não ficarmos senão com um numero muitíssimo reduzido para a instrução do tiro, quando o nosso R. T. I. e o nosso mestre e abalisado Rhone dizem que o armamento injusto pode ser aproveitado para o «tiro de combate» (1) que, d'ora em deante, passará a chamar-se, provavelmente, «tiro collectivo» — de esquadra e de G. C. — de que já dão noticia as publicações officiaes em voga em o nosso meio, publicações que nem por isso conseguiram ainda destruir completamente o ser quasi corrente afirmar-se ter desaparecido, depois da Grande Guerra, o tiro collectivo do fuzil.

*

Alguns camaradas, cujas opiniões, pela natureza dos respectivos cargos, podem até ser transformadas em ordeus, pensam não haver mais razão de ser da verificação de justeza desse nosso armamento depois de publicada em o impresso, o «Tiro de verificação», de que já demos noticia, sahido dos prelos da Imprensa Militar de 1920 a 1921, a opinião do Exmo. Snr. General Tasso Fragoso a respeito das condições de possibilidade em nosso meio e de sua utilidade, da referida verificação.

Mas, como ainda ha poucos dias nos disse S. Ex.º, sem reservas, na Livraria Briguiet, em uma das muitas vezes em que, ha mais de 3 lustros, ali temos encontrado esse nosso illustre Chefe e acatado Mestre, aquella sua opinião, que é meramente pessoal, sem reflexo oficial, por emquanto, e S. Ex.º é o actual Chefe do Estado Maior do Exercito.

Eis as conclusões a que chegou S. Ex.º, depois de uma analyse, detalhadíssima, do assumpto, ou sua opinião:

a) Estabelecer novas condições para a verificação das armas;

b) Rever o regulamento de tiro no intuito de pôr as exigencias (2) em pontos ali estabe-

(1) Porque a falta de presteza que é um elemento perturbador do bom tiro individual é aproveitada com vantagens no tiro individual (em o nosso R. T. I. e Rhone).

(2) Que a Sua Ex. parecem tyranicas.

leciões nos tiros de instrução, de acordo com a precisão real da arma.

c) Assentar bem se devemos continuar submettendo annualmente todas as armas ao tiro de verificação (cosa que só o alemão pratica) ou se não será preferível só fazê-lo nas condições admittidas pelos austriacos.

d) Fixar o calibre maximo (1) que, uma vez atingido, reclama a retirada da arma (2) e a sua substituição por outra.» (3)

*

E' sabido que os proprios naturaes do paiz (os chamados indígenas) verificam de vez em quando, com esforços maximos, a capacidade de retenção e volta perfeita á tensão dos seus arcos (uma de suas armas) e condições de perfeito equilíbrio no ar das suas flexas, quando estão sendo feitas (a respectiva munição).

Que o caçador que se presa não deixa de verificar, quasi sempre, se a sua espingarda continua certeira ou toleravel, é facto mais sabido ainda.

Deixamos a conclusão ao leitor.

—

Vimos fallando somente em verificação de justeza, mas o nosso camarada e leitor amigo já percebeu que não confundimos precisão com o afastamento do seu «ponto-medio» do ponto visado ou centro do alvo, que é a regulação (ou «reglage» do regulamento de tiro francez).

Aprendemos a entender por justeza com o saudoso Borges Fortes, o patriota Antonio Carlos Lopes e o inexcedivel Pototsky, com a confirmação da «Instrução Provisória sobre a pratica do tiro», de 1.º de Setembro de 1920, edição do Ministerio da Guerra francez, de 1921, como sendo um producto destes dous factores: um a precisão (factor superficial — que pôde ser reduzido, pratica ou theoricamente a um ponto, o «ponto-medio») e o outro (linear) que é a distancia daquelle ponto-medio ao ponto visado ou centro do alvo, que é a regulação.

(1) O que já estava, ao tempo desse escripto, fixado em 7 m/m.06, conforme ficou referido em linhas atras, pela nomenclatura oficial desse armamento, pag. 71 da edição de 1918.

(2) E assim temos procedido desde fina de 1914, conforme já dissemos, atras, com as armas com calibre superior a 7 m/m.06, pelo conhecimento que tínhamos do trabalho sobre esse armamento, do Sr. Capitão Mariano de Andrade, membro da comissão de compra ou recepção do mesmo na Europa, conforme já dissemos atras.

(3) Isto sim, é o que até hoje não conseguimos obter.

Uma arma seria idealmente justa (se tudo só d'ella dependesse) quando o ponto-medio coincidisse sempre com o ponto visado.

Como isso é um ideal inatingivel, surge a relativity, como em tudo, unica noção absoluta.

Assim, uma arma é mais ou menos justa (supposta com uma precisão satisfactoria), se maior ou menor é o afastamento, em linha recta, d'aquelles dous pontos.

O que tudo isso foi confirmado pelo nosso R. T. I. ao prescrever: «Uma arma deverá ser considerada justa (1) quando as tres balas cairem no interior do rectângulo (2) e além disto o afastamento entre os impactos extremos, quer vertical, quer horizontal, não exceder de 20 centimetros, se se tratar de fuzil, de 25 centimetros se do mosquetão, ambos do modelo 1908.»

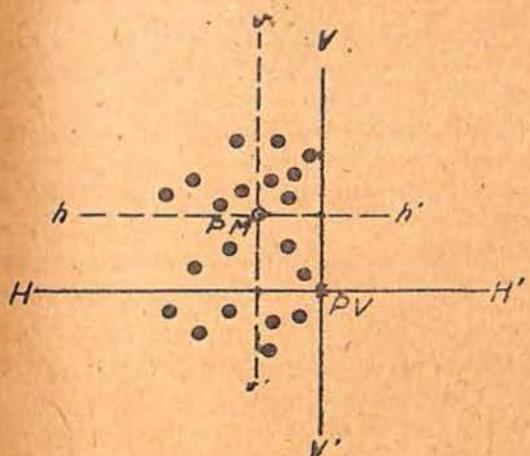
A condição de «as tres balas cairem no interior do rectângulo», que é a que diz respeito ao *elemento linear*, isto é, o afastamento do ponto medio do ponto visado (*reglage* ou regulação dos franceses, conforme se vê na pag. 36 da edição de 1920 do respectivo regulamento de tiro de infantaria) e a de «afastamento entre os impactos extremos, quer vertical, quer horizontal, não exceder de 20 centimetros, se se tratar do fuzil, de 25 centimetros se do mosquetão, ambos do modelo 1908», que é a que diz respeito ao *elemento superficial* — área de dispersão, praticamente dada por um rectângulo — dá os limites da dispersão. De modo que, ainda como nos ensinam os nossos actuaes mestres de cousas militares, a *presteza é função da precisão e da regulação*. O que quer dizer que uma arma pôde satisfazer as condições de precisão e não as de regulação e vice-versa, ou não satisfazer as das duas, simultaneamente, e será, então, considerada não justa, porque, segundo os antigos mestres, não menos autorizados, e os em voga, actualmente entre nós, é preciso que a arma, para ser considerada justa, satisfaça, simultaneamente, as condições aqui impostas, tendo-se primordialmente em vista as suas qualidades balísticas, de precisão e regulação.

As figuras abaixo, copiadas da pag. 36 das Instruções Provisórias sobre a prática

(1) O gráfico é nosso.

(2) O rectângulo a que se refere é o de 24 cm. X 30 cm. que encerra quasi que totalmente o espelho.

do tiro de infantaria, do exército francês, já citadas, concretizarão o que ficou escripto:



Para obter-se o ponto medio, praticamente, assim se procede: parallelamente a HH' traça-se hh' de modo a separar para cima e para baixo de hh' igual numero de impactos, depois, a VV' , vv' deixando para a esquerda igual numero de impactos, obtidos pelo tiro de uma dada arma a distancia determinada; a intercessão de hh' com vv' é o que se chama — ponto medio, ou a intercessão da trajectória media com o alvo.

A regulação ideal é quando o ponto medio coincide com o ponto visado: praticamente, contenta-se com um afastamento pequeno e previamente determinado, como se determina previamente também o rectângulo



(nos casos em que o grupamento já tomou a forma oval) ou circular, isto é, às distâncias em que os desvios lateral e vertical são iguais (para o nosso fuzil vae até 200m,00, quando o desvio, de uma arma perfeita, é de 9 centímetros, e 7 centímetros para a distancia de 150m do alvo).

A dispersão não só pôde ser apreciada pela área do numero total de impactos, como somente pela de 50 %, dos impactos mais centraes, e a regulação ou desvio medio é a distancia que vae do «ponto medio» ao ponto visado no centro do alvo, como já foi dito.

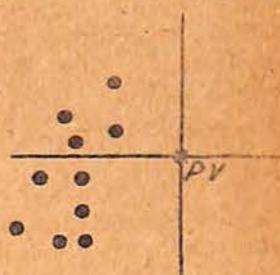
Assim é que, na nossa obscura opinião, não só a



área da dispersão como a em que o ponto medio, de uma arma, dever estar situado podem muito bem ser circulares (1); a ultima, de raio sempre menor, concentrica com a primeira. Nestes casos o raio gerador de cada um desses dois círculos poderá variar entre: a dispersão media e o desvio medio — de uma arma perfeita ao sahir da fabrica — e o seu duplo, triplo ou quadruplo (até aqui apoiados estaremos na

Balística; como nos repetiu o Exmo. Sr. General T. Fragoso por aquelle seu trabalho), conforme também o estado de vida (ajuda considerado efficiente para o tiro de instrução) da arma.

E nada impede que o meio da base inferior do espelho, com a forma actual, diste do centro unico ou commun dos dois círculos concentricos, acima referidos, continue a ser igual, approximadamente, á ordenada, a 150 metros, da trajectória da alça minima, ou do ponto em branco.



CONCLUSÕES :

1.º — O nosso fuzil e o mosquetão envelhecem rapidamente ou assustadoramente, porque, estando calculada a sua vida para alguns milhares de tiros, com menos de mil já vão sendo postos de lado;

2.º — E por isso mesmo — e com mais forte razão — que se deve proceder anualmente, antes da incorporação annual dos conscriptos, á verificação de justeza desse armamento, — ou grau de justeza —, para serem escolhidas as melhores armas, quanto á justeza, (dentro de certo criterio, previa e oficialmente estabelecido, a não continuar o actual), para o «tiro de instrução», e esse criterio previamente estabelecido não será mais que condições novas, mais toleraveis ou menos «tyrannicas» sobre a dispersão e a regulação, a serem satisfeitas pelas armas para esse tiro;

(1) Dada a igualdade dos desvios vertical e horizontal até 200 metros, desse nosso armamento, conforme já lembramos.

3.º — Que esses caracteristicos — dispersão e regulação — (assim como qualquer um outro que não obrigue o afastamento da arma desse gênero de tiro) de cada arma assim escolhida devem ser realmente conhecidos pelo respectivo ou respectivos atiradores, (1) pelo menos para esse tiro, para a conveniente correção na pontaria, no que desta depender, conjuntamente com as perturbações, já previstas pelo regulamento, da incidência dos raios solares (2), direção e sentido do vento, etc.

E o comandante de unidade ou sub-unidade que não proceder à verificação do calibre e de justezas propriamente dita do seu armamento, para pôr de lado o descalibrado e considerado injusto, e disso dando ciência à autoridade competente, pratica um acto complexo de deshonestidade profissional e para com o erário, por que :

a) — contraria, voluntariamente, disposições regulamentares, synthese de estudos e experiências feitas, o que é um mau exemplo disciplinar ;

b) — concorre para o desanimo do seu comandado, principalmente do novel soldado, entregando-lhe uma arma que, no «tiro de instrução», não corresponde às suas esperanças ;

c) — trai a sua Pátria, occultando-lhe o verdadeiro estado do seu armamento ;

d) — lesa o erário, causando o consumo inútil de munição.

4.º — Que atribuímos como uma das causas (3) do descalibramento tão rápido

(1) Se continuarmos, como vimos sendo feitos, a dar a mais de um atirador as armas julgadas justas.

(2) Que os tolhos vieram suprimir, como se em combate se usasse tudo.

(3) As outras causas nos parecem ser: além de certo material impróprio à limpeza, que ainda se distribui ao soldado, o modo como a maioria dos nossos soldados, principalmente dos novos, efectuam essa limpeza, maximamente não ensinados ou fiscalizados.

desse armamento à actual camisa da bala (1);

5.º — Que com o serviço de um anno dos sorteados e voluntários é preciso que os camaradas da tropa que têm que ver com o ensino da limpeza e conservação desse armamento (como de outro qualquer) e os fiscais dessa instrução e serviço cultivem mais o sentimento do dever profissional e o pratiquem, transformando-se, elles, assim, aí em zeladores do erário, retardando irregularidades no calibre e evitando desgostos, de consequências que podem ser lamentáveis, e deslocamentos de peças da arma que podem concorrer, perturbadoramente, contra a justezas desejável, se assim nos permittem dizer, da arma.

Bibliographia : — Além dos trabalhos escriptos dos presados camaradas já nominalmente citados, conhecemos também: alguns artigos do Exmo. Sr. General Barbedo, publicados pelo Boletim Mensal do Estado Maior do Exército; uma Conferência feita na Escola de Estado Maior, em 1916, pelo então Capitão Luiz M. P. de Andrade, nome já nosso conhecido, a convite do comandante da mesma Escola, e um mais recente trabalho, em folheto, da lavra do Exmo. Sr. General Clodoaldo da Fonseca (2), sobre o nosso armamento Mauser e a munição com a bala «P» de 9 grammas.

Continuaremos

Fins de Março de 1923.

FRANCISCO JOSÉ DUTRA
Capitão

(1) Embora conhecemos vários escriptos de defesa desse armamento e especialmente de sua munição, de camaradas que admiravam sinceramente, pela sua competência profissional e técnica, e cuja honestidade inatacável é conhecida e aplaudida não só no Exército como fora dele; mas é essa uma das impregnações que em nós deixou a prática de lidar com esse armamento respectiva munição, nestes 8 anos.

(2) Que cheiou a comissão de compra e recebimento desse armamento Mauser, modelo 1908, na Europa, quasi que do meio para o fim dos seus trabalhos.

DA PROVÍNCIA

No 4º R. A. M.

Palestra realizada pelo 1º tenente
Roberto Drummond

Ninguém veja na despretenciosa palestra que vamos entreter o menor indicio de qualquer outra causa que não o desejo incessante de melhorarmos e que é, antes, de minha obrigação e quasi sem solução de continuidade, de meu temperamento. O assumpto é importante e visa uma melhor harmonia de vistos nos exames physicos que ainda temos de fazer, melhorando as condições de sua

realização, de modo, — o prazer somos nós que o colhemos — a realçar e evidenciar o quanto de proveitoso e útil a pertinacia obtém no preparo physico dos nossos commandados. — Não se faça teoria nem se engalane o facto com poesia e adjetivos; a causa simples e real é esta: o problema da instrução physica no Brasil não é uma causa que venha beneficiar o exercito ou qualquer parcela do todo; elle, ao contrario, se generalisa plenamente e deve ser encarado como um problema verdadeiramente nacional, trazendo consigo grande acompanhamento de benefícios, quando solucionado criteriosamente.

Já disse em meu relatório que no 4º R. A. M. a

educação physica, não de soldados, mas de brasileiros, é encarada com firmeza e com alto critério. Cada qual aqui trabalha na medida do possível e procura — louvável rivalidade — que sua bateria seja a melhor; cada qual tem a vontade de procurar os melhores meios para ver esta raça, de aparição tão preguiçosa, desperta, progredir. É preciso que todo este pessoal que anda por aí corra 1000 m. em 3^o, salte um metro e trinta, nade e saiba arremessar o peso, para podermos ter uma consciência nacional, cada qual profundo conhecedor de seus direitos; tenho a mais profunda convicção que a solução do problema que envolve toda a nossa nacionalidade repousa, em grande parte, na sabia educação physica dos brasileiros; os Estados Unidos, cuja pujança nós todos admiramos, em 17 provas de athlétismo possuem 14 records mundiais, o mesmo, acontecendo com 5 das 7 categorias de box.

Desta maneira, nós somos felizes porque a par de nosso devotamento — a modestia aqui não é cabível — no preparo de fartos elementos para a constituição do Exército, e que se resume nessa trabalhosa iniciação dos recrutas, também atacamos com a decisão dos bons atletas numa chegada de 1.500 m. toda a característica moleza e absoluta inércia que sobre modo se relevam nos nossos simples comandados, de maneira a presenciamos esta transformação milagrosa quasi, depois de quatro meses de instrução, e cujos resultados vão reverter, incontestavelmente, ainda nas gerações actuais, e principalmente, nas futuras camadas de bons brasileiros e bons patriotas.

Os exames physicos que vimos de fazer provaram a efficiencia apreciável desta racional maneira de formar um homem forte e derivada da sabia combinação do athlétismo, da gymnastica e dos sports. Os resultados, que já foram apreciáveis, podem melhorar, no meu modo de ver, se melhor devassarmos e melhormente puzermos em prática o nosso R. I. Physica.

Assim, depois de algum tempo de instrução, como já temos, o tipo de Sessão Preparatória do Regulamento é insuficiente e pôde ser melhorado, quanto mais que elle sabiamente propõe aos diversos regimens de instrução que apresenta: em princípio, dando logo a que seja alterado em parte, ou melhor, que seja ampliado, conforme as condições que apresentam os recrutas. Acho que numa lição qualquer no minimo devem entrar 3 marchas de primeira categoria; idem quanto a 2.^o e 3.^o categorias, flexionamento do tronco, não esquecer que é essa região que melhores músculos deve possuir; não por imprevidência da natureza mas, por necessidades de dobramentos, deslocamentos e contorções, o fígado, baço, pancreas, intestinos, não possuem a fortaleza dos ossos a protegê-los; esta protecção deve residir na potencia dos músculos abdominales exclusivamente; portanto, diariamente exercícios em decúbito dorsal; elevação das pernas, idem do tronco, flexão do tronco, etc., com o corpo em pé, distensão do tronco, movimento giratório, suspensão alongada com elevação das pernas, etc., etc.

Os exercícios educativos não podem mais ter a predominância anterior; os homens estão (esempre) nados e não têm defeitos; sabem fazer a cosa; não são fortes, porque não atingem determinado indice, mas a média geral é esplêndida; daí aplicações para a frente, aperfeiçoamento incessante.

Aqui, meus camaradas, permiti algumas notas, que consegui colher nos exames physicos recentes; repito que só tenho em mira uma melhor coordenação dos esforços, para atingirmos o fim

colimado e de que o proximo dia 24 de Maio, será a primeira prova.

Nas corridas, raro é o soldado que emprega a sua energia; é geral chegar elle a meta, completamente descançado — relativamente, já se vê — quando com esforço maior, os resultados seriam superiores; é preciso um treinamento mais acurado, incutir a necessidade de empregar a maxima energia, de modo a não se poder produzir cosa melhor; cumpre incentivar o soldado, mostrar-lhe os tempos, convençê-lo de que elle pode fazer melhor, de que é capaz de muito maiores resultados; citar exemplos daquelas que nas provas regionais e na Capital Federal por occasião do Centenario, tantos louros colheram para o nosso Regimento; despertemos esta rivalidade desportiva tão boa e de tão grandes benefícios para assim obtermos o que desejamos.

É preciso correr diariamente nas sessões de educação physica matinais; do athletismo, da gymnastica e da natação, a corrida tem a primazia incontestável e a resistencia é de capital importância para o soldado. Para atingir o resultado que queremos, é preciso correr como se deve e cançar como é necessário, para daí derivar o progresso; que efeito pode haver se umas duas passadinhas são dadas e logo se manda alto? Nenhum! É preciso correr; cançou-se, continua-se a correr com firmeza e energia porque vem o equilíbrio. Só quem pratica a corrida sabe que de sacrifício, de coragem, de ardor deve-se pôr em prática ao fazê-la; não ha nada que se compare ao formidável esforço de um atleta querendo diminuir um quinto de segundo na gloriosa luta com o tempo e com o espaço! Só uma vontade ferrea, inquebrantável, pode conduzir-nos ao resultado mais perfeito e isso devemos obter nos nossos homens de qualquer maneira, e estou certíssimo, absolutamente convencido, que como instrutores que somos podemos perfeitamente consegui-lo.

Nas corridas de 100 m. o modo de tomar o tempo que empregamos é totalmente falho; fica o instrutor com o lenço ou o apito na chegada e o corredor na partida; ao sinal daquele, este sae e assim o cronometro começa a funcionar. Ora, os maus resultados são patentes, primeiro porque o homem tem de ficar olhando para o instrutor, o que é erro; segundo porque desde que elle tem a impressão e a transforme em impulso, dada a lentidão que ainda existe, vai um segundo; terceiro o tempo para ouvir o apito, que é sempre longo e moroso, e é preciso sacudir os músculos de uma só vez; outros erros daí derivam; o mais racional é mandar um sargento dar a saída e apertar o cronometro no momento em que o homem se move; com os «sprinters» de fama o relógio começa a funcionar quando a fumaça do tiro é visível; mas também a arrancada destes é formidável e em 1/5 de segundo elles já estão a 2 metros. Com o nosso soldado a cosa é diferente.

Da mesma forma o movimento de braços não corresponde a uma corrida de velocidade; é preciso uma grande amplitude no movimento, despendendo grande esforço; o passo deve ser largo, de acordo com a conformação de cada um e a cadência a mais rápida possível; a saída classica com os nossos homens é contraproducente; elles não sabem dar a impulsão necessaria e o resultado é se atrasarem de mais de 1/5 de segundo; penso que a mais aproveitável é a que se encontra no anexo ao R. de I. Physica, figura 20, primeira posição.

Na corrida de 1.000 m. o erro começa pela pista que, quando medida precisamente, não é da mesma forma seguida; é necessário demarcá-la com rigor e cuidado, e obrigar os homens a trilhá-la sem dela se afastarem para dentro ou para fora; de outra forma não podemos ter a consciência tranquila de que de facto o homem fez o quilometro; da mesma forma os braços não se movem como devem; não ha independência de movimentos com o tronco, de modo que o homem corre mexendo-se todo, e sem poder auxiliar a corrida como deve, desde que os membros superiores se mexem no plano vertical perpendicular aos homens. A respiração exclusivamente pelo nariz é insuficiente; da mesma forma um lenço na boca traz como resultado um grande esforço dos músculos thoráxicos e do diafragma para poder sugar o ar; respire-se pelo nariz e pela boca, esta com os dentes cerrados, sem contracção; da mesma forma todos os músculos lassos, abandonados; o músculo retesado queima muito mais oxigénio e é preciso poupar, sem nada se desperdiçar.

Finalmente, não se despreze a corrida, diariamente; corra-se e depressa, passo distendido e rápido, elegantemente; os resultados se verificarão nas outras provas de atletismo e de sport, graças a um folego trenado, e os músculos em condições

*

O salto em altura é preciso ser feito em terreno plano; a queda não pode deixar de ser feita em terreno bem macio; do contrário, instinctivamente, mesmo que não queira, o homem salta muito menos, porque ele sabe que se machuca numa queda de muito alto. Da mesma forma bambus ou cordeis para saltar são contraproducentes; isso não dá animação, não desperta a vontade e é contra a regra, porque tem sempre catenaria. Escolha-se uma haste bem recta, que a carpintaria faz em minutos, bem appareliada e cada vez que se mude de altura, meça-se do meio da haste horizontal até o terreno, tornando-se em consideração que um ou dois centímetros em um mês representam progresso. O salto de lado dá mais resultado que o de frente, mas faça-se o homem saltar para cima e não para o lado; a velocidade que se traz, encarrega-se de produzir o deslocamento nesse sentido — lateral —; não se deixe avançar o homem nem com muita nem com pouca velocidade; no meio está a virtude. Finalmente, dê-se bastante flexão, bastante elevação de pernas para os bons saltadores.

No salto em largura é preciso não exigir o impulso da taboa para a medida do salto, nos exames physicos. Isto depende de um treinamento meticoloso e durável, sem o que o saltador, atendendo à taboa, ou não dá o salto de onde deveria ou diminui a corrida.

E' melhor tomar a medida do salto do ponto em que o pé de impulso tocou o solo, contando-se da sua ponta; assim o homem vem desembaraçado, a toda a velocidade e com certeza vai longe.

A corrida é capital no salto em largura; o seu desenvolvimento deve ser total e todo o esforço deve ser pedido às pernas e aos braços. Para ganhar a máxima velocidade possível, distanciar-se no mínimo de 25 metros e puxar tudo; dar o arranço forte e chamar os joelhos para o peito, procurando subir: o ponto de queda, mais do que no salto em altura deve ser muito macio, pelas mesmas razões, reforçadas ainda pela maior força de projecção.

Ha, evidentemente, nos nossos exames flagramos na tomada das distâncias, que precisamos eliminar a bem da nossa satisfação em ver os nossos homens se adecentarem: 1.º contamos a distância da taboa de impulso; como já vimos, o salto é totalmente falho e nunca corresponde ao máximo que é capaz nosso soldado; 2.º quasi nunca tomamos a medida de salto por salto; ou fincamos um pausinho, que o 2.º salto derruba, mesmo menos extenso, ou então, com o pé marcamos no terreno o ponto atingido e delles tiramos a medida que nunca é rigorosamente exacta; em ambos os casos cahe-se sempre em cima ou nas proximidades do primeiro salto que assim tem o ponto exactamente atingido, completamente desmarcado.

O tanque de terra macia é absolutamente imprescindível no salto em largura! ninguém arrisca a se atirar num terreno duro ou escorregadio; mas também é necessário que o plano horizontal do ponto de impulso seja o mesmo que o da areia onde se vai cair; não é verdadeiro o salto quando dado de cima para baixo, porque elle é aumentado de muito; se por acaso o corredor de impulsão não é longo (30 m.) pôde ter elle um de clive qualquer; mas o ponto de partida é de queda: ambos no mesmo plano.

*

O lançamento do peso deve ser feito empurrando a bola, como já sabemos; mas fazê-lo de dentro do círculo regulamentar é diminuir as probabilidades que tem o homem de fazer o seu melhor arremesso, conseguir o máximo de dentro do círculo obtém-se depois de acurado estudo e treinamento; nós não podemos prestar tão rigorosa atenção a este ponto, exijamos apenas que as 7,250 g. sejam lançadas como devem detrás de uma linha, de onde se deverão tomar as medidas; estas uma a uma, e da linha até a parte mais próxima da marca mais longa; não se desprezem os centímetros, porque elles podem mostrar progresso, sem necessidade de «pistolão».

*

Não se pôde considerar um «apoio» perfeito senão aquelle que é feito partindo da posição sentado, isto é, em esquadro; para cada um vênhase a esta posição e depois suba-se na barra de qualquer maneira.

*

A natação eu julgo que está atrasada; em 3 meses de ensino, sómente os refractários e os doentes, que tenham morado na Enfermaria ou Hospital podem deixar de se equilibrar; os outros necessariamente devem «flotter». O processo do ensino em massa aqui é totalmente contraproducente; se temos diariamente — e isso é imprescindível, mesmo ás quartas e sabbados — 30 minutos para o ensino da natação devemos dividir os 20 primeiros para os que já sabem ensinarem os que não sabem; escola constante, arco de barril idem, o instructor assistindo, animando e corrigindo e no fim de um mês todos com certeza nadam; temos visto soldados que não se sustinham á tona d'água, jogar «water-polo» e passar mais de 20 minutos de um lado para outro, nadando.

Aprendido o equilíbrio e o deslocamento, ninguém aplica mais o «cachorrinho»; entra a braçada, que deve ser objecto de cuidado para não ficar viciada e finalmente, tanto como na corrida, a obrigação de ficar certo tempo dentro d'água, para crear folego, porque o resto vem depois.

*

Finalmente, meus senhores, vamos entrar de rijo nas lições de educação física, que os resultados serão os melhores. Ninguém se illuda nem se precipite querendo obter num mez, tres ou quatro, o que só em um anno se consegue, mesmo porque a natureza, de atletismo, só pratica, com estylo mais perfeito e apurado, a marcha — ella não faz saltos e muito menos arremessos; mas, tambem não nos deixemos por mal comprehendida exigencia dos esforços de cada um, derivando dahi progresso quasi nullo, se é que elle realmenre existe. Nem de mais, nem de menos, e como sabia-mente diz o R. de I. Physica, faz-se tambem o exercicio, para poder concluir de sua intensidade; o «instructor impor-se-á aos soldados pela sua attitud e competencia. Seu papel é capital, porque do seu valor pedagogico depende o de todos os seus alumnos».

Neste ponto os sargentos aqui no Regimento, e afóra algumas excepções deixam muito a desejar; a maioria delles, ao contrario de incentivar com o calor duma pratica efficiente dos sports, são, ao contrario incomparavelmente menos decididos, menos capazes, physicamente fallando do que os jovens conscriptos de um anno de caserna.

Ninguem quer um athleta em cada instructor, nem muito menos um especialista em physiologia, biologia, etc. Não; o que devemos ter é capacidade para mostrar como se faz com perfeição e propriedade, embora um outro consiga attingir maiores indices.

A maioria dos sargentos no Regimento não sabe nadar e o resultado de seus exames physicos, no geral, é simplesmente abaixo da critica. Estou perfeitamente convencido que só um empurrão e o estímulo e os bons resultados advirão em toda a plenitude; a exemplo a instrucção de Artilharia; a exemplo a equitação; agora á gymnastica com ardor. O Capitão Jansen, de saudosa memoria, sempre dizia que não havia no Brasil sargentos como os do 4.º R. A. M.; pensamos tambem assim e, como dizia o Major Klinger — cumpre que os sargentos de qualquer forma participem da instrucção — abriguemo-nos em tão profundas palavras e distendamol-as até a educação physica, tão necessaria e imprescindivel.

Segue-se abaixo a estatística relativa aos dois primeiros exames physicos feitos numa das bacias do R., discriminando-se as diversas provas, as praças que progrediram, que retrogradaram e as que estacionaram.

Corrida de 100 m. Diminuiram:

1.5s	2.5s	3.5s	4.5s	1s	1,1.5s	1,2.5s	1,3.5s
5	4	8	8	6	2	3	5
2s	2,1.5s	2,4.5s	3s	4,4.5s			
1	2	1	2	1			

Estacionaram: 4.

Corrida de 1000 m. Diminuiram:

10s	20s	30s	40s	50s	1m	1m,20s	2m	1m,10s
13	6	8	10	4	2	2	2	

Estacionaram: 7.

Salto em altura. Augmentaram:

0m,05	0m,10	0m,15	0m,20	0m,25
10	18	5	11	2

Estacionaram: 6. Diminuiram 0m,005: 2.

Salto em extensão. Augmentaram:

0m,10	0m,20	0m,30	0m,40	0m,50	0m,60
4	5	4	6	5	4
5	2	4	2	2	3

Estacionaram: 10.

Lançamento do peso. Augmentaram:

0m,10	0m,20	0m,30	0m,40	0m,50	0m,60
6	6	5	2	7	5
3	6	5	4		

1m,10 1m,20 1m,40 1m,60 1m,80 2m,30 — 1 em cada distancia.

Levantar o peso:

Levantaram 50 k.: 31. — 45 k.: 19. — 40 k.: 6.

Estacionaram: 38. Augmentaram: 16.

Nadar:

Sabiam: 15. Aprenderam: 36. Não sabem: 12.

Trepar na barra:

Trepavam 3 vezes: 3.

Trepam 3 vezes: 30.

Não trepam: 23.

Faltam fazer exame 7 praças.

FACTOS & NOTAS

REDACÇÃO D'«A DEFEZA NACIONAL»

Deixou a redacção da nossa revista o capitão Eurico Gaspar Dutra, que durante longo tempo nos prestou os mais preciosos serviços com verdadeira dedicação e com a alta capacidade de que é dotado e o faz justamente apreciado no vasto círculo de seus camaradas.

Entrou para a redacção o nosso companheiro major Arnaldo de Souza Paes de Andrade, oficial bastante conhecido para que se torne superflua qualquer referência elogiosa.

CLUB MILITAR DE MINAS GERAES

Foi recentemente criado em Belo Horizonte esta utilissima instituição, cujos estatutos nos foram gentilmente enviados.

Pelo seu artigo 3.º «O Club tem por fim estreitar os laços de união, de camaradagem e solidariedade entre todos os officiaes, estimular a comprehensão dos deveres civicos, pela cultura dos sentimentos moraes e

patrióticos de seus associados, proporcionando-lhes todos os meios para tal fim».

Annexos ao Club funcionarão um serviço de «assistencia» e outro de «peculios», o que mais útil ainda tornará a distinta associação, cujo programma, aliás, já é uma garantia de sucesso e uma prova dos sentimentos cívicos de seus organisadores.

Sua directoria está constituída pelos Srs. major João Franco do Couto, presidente; 2.º tenente Celestino Elpidio de Oliveira, tesoureiro; 1.º tenente Quintiliano C. Valladares, secretario.

REPRESENTANTES D' A DEFESA NACIONAL

Deram-nos a honra de aceitar a representação de nossa revista os seguintes camaradas:

2.º R. A. M. — 1.º Tenente Hugo Peixoto; *Brigada Policial do Para* — 1.º Tenente

Herminio M. Dinelly;

Guarnição de Belém — 1.º Tenente Josué Freire;

2.º G. A. Mth. — 1.º Tenente Annibal B. Nunes;

Fortaleza de Copacabana — 1.º Tenente Affonso M. Corrêa;

2.º R. C. I. — 1.º Tenente Osorio Tuyuty; 3.º R. C. I. — 1.º Tenente Apparicio Brasil Cabral;

Forte Marechal Hermes — Capitão Timotheo F. Machado;

22.º B. C. — 1.º Tenente Alfredo M. Quintella;

1.º R. I. — 1.º Tenente Jorge Duarte de Oliveira;

Tiro 79 — Therezina — Sr. Jonathas Baptista;

2.º Linha — Therezina — 1.º Tenente Aphrodisio T. Oliveira.

PRYTANEU MILITAR

Acaba de inaugurar os seus cursos no novo edifício, a Praça da República n.º 97, o importante estabelecimento de ensino cujo nome encima estas linhas.

Produto do esforço patriótico de um grupo de educadores militares dos mais conceituados, o Prytaneu Militar está destinado a prestar os mais assignalados serviços à mocidade estudiosa, que ali encontrará, não apenas o profundo saber de um professorado

de élite, mas também o exemplo virtuoso de um grupo de officiaes reformados que ainda conservam o mesmo entusiasmo da vida activa e não descançam no servir com brilho à nossa Patria.

E' a seguinte a administração do notável estabelecimento:

Director, o sr. general Dr. Jonathas d' Mello Barreto; inspector do ensino, o sr. general Dr. Alcides Bruce; secretario, o sr. major Dr. Luiz Tettamanti; tesoureiro, o sr. major Dr. Augusto Feliciano Pereira Pinto.

EDUCAÇÃO PHYSICA (Alemanha)

Antes da grande guerra, havia na Alemanha 8.000 sociedades civis, com 1 milhão de associados. Actualmente, está criado um *Comité do Império para os exercícios physicos*, que comprehende 35.000 associações, com 4 milhões de sócios, estando afiliadas a elas 30 universidades.

Nessas sociedades, além da gymnastica, se cultivam os exercícios militares, organizados com concurso do exercito, ficando assim attenuada a falta do serviço militar obrigatório, proibido, como se sabe, pelo tratado de Versalhes.

No exercito também, a base da instrução militar está constituída pelos exercícios gymnasticos e desportos.

Nos diversos estados-maiores, 1 oficial centraliza as questões relativas à cultura physica; em cada batalhão, 1 oficial (official de desportos), auxiliado por sub-officiaes e soldados, fiscaliza a marcha da instrução e organiza concursos, e se procura conseguir que todos os officiaes tenham aptidão para instructores.

E' recomendado que se mantenha o contacto com as sociedades civis, utilizando-se para isso os mesmos terrenos ou salas de exercícios, bem como realizando-se concursos mixtos, etc.

Os instructores militares formam-se em cursos especiais de 5 meses na Escola de Infantaria de Wunsdorf, a que concorrem officiaes de todas as armas. Um grande campeonato anual do exercito e da marinha comprova o grau de aperfeiçoamento adquirido na educação physica, nesse concurso, além das provas individuais desportivas, se realizando outras collectivas e de verdadeira applicação militar:—concurso de patrulha, de marcha de campanha, concurso de velocidade de 3.500 metros por grupos de 20 homens, seguido de marcha rápida de 13 kms., com equipamento de guerra, provas de tiro de fuzil, de natação, de lançamento de granadas, de saltos em longitude e corridas de 4.000 metros.

INSTRUCCÃO MILITAR FÓRA DAS FILEIRAS (França)

Ha muito tempo que se procura na França fomentar a preparação militar fóra das fileiras, afim de facilitar a missão instructora e educadora do exercito, e actualmente se considera de grande

importância, quer pela tendência a reduzir o tempo do serviço activo, quer pela maior complexidade da instrução militar.

A citada preparação se realiza em várias sociedades de tiro, gymnastica e desportos, que, desorganisadas durante a guerra, foram reconstituídos em seguida, contando com grande número de sócios.

A «União» de M. Mérillon (Sociedade de tiro) tem 1.750 representações, com 400.000 associados; a «União Gymnastica», de M. Cazalet, 1.936 representações, com 180.000 membros; a «União», de M. Adolphe Chéron, 1.804 representações, com 350.000 sócios; a «União», de M. Lattez, 1.140 representações, com 150.000 inscritos; a «União», de M. Trouzelle, 718 representações, com 5.000 membros; a «União», do general de Lagarenne (equitação), 145 representações e 16.000 sócios, etc. No total: 7.492 representações e 1.160.000 sócios.

Em todas essas associações, se proporciona um ensino militar geral, compreendendo: educação physica, marchas, natação e hygiene; educação moral e cívica; educação militar elementar (instrução individual no terreno, emprego do fuzil e ferramenta do sapador). Em algumas, ainda se ensina: equitação, tiro, lançamento de granadas, exploração, ligações, cyclismo, topographia, desportos athleticos, carros de combate, telegraphia, esgrima, instrução de corneteiro, sapador mineiro e ferroviário, etc.

Dos ensinos professados se fornecem certificados, mediante exames nos corpos. Os indivíduos aprovados nos exames podem escolher corpo e ser admitidos como alunos para cabos, depois de 4 meses de serviço.

MUSEU DE MARECHAES (França)

Foi inaugurado em Paris, no palácio da Legião de Honra, um museu de arte retrospectiva dos marechaes da França, compreendendo 5 salas, nas quais se colocaram artisticamente os objectos e curiosidades oferecidos pelas famílias que tiveram algum marechal entre seus antepassados.

Duas salas foram dedicadas ao período do Renascimento, uma ao reinado de Carlos X, Luiz Felipe e Napoleão III, uma para o 1.º Império e uma para os marechaes da guerra última, na qual se vêem os bustos de Joffre, Foch, Petain e Fayolle.

PROJECTIS PARA CANHÕES DE AEROPLANO

Nos Estados Unidos se acham em estudo três modelos de projectis para canhões de 37 dos aeroplanos: uma granada de espoleta muito sensível, uma lanterna que produz á bala grande velocidade inicial e um projectil para bater tanks, aeroplanos couraçados e objectivos terrestres de grande resistência, capaz de perfurar, a 500 metros, a protecção dos carros de assalto.

FUZIL THOMPSON (Estados Unidos)

O sistema de obturação Blish, applicado ao fuzil e à metralhadora Thompson, permite obter-

se um novo sistema de armamento de que a infantaria poderá tirar grande resultado futuramente.

Os principais característicos do fuzil automático Thompson, além do emprego da obturação Blish, são: lubrificação automática do mecanismo, extração regular do cartucho, constar de 86 peças, em vez das 95 do fuzil Springfield, modelo 1903, carregador de 10 ou 20 cartuchos, permitir o fogo tiro por tiro ou de repetição, com 2 velocidade de 60 disparos por minuto.

FORMAÇÃO DOS QUADROS DE TROPA (Portugal)

Os quadros da tropa formam-se nas escolas regimentais, os cursos durando 4 semanas na infantaria e administração, 5 nos demais corpos.

Para ascender a cabo, é preciso ter aprovação no primeiro ensino superior, saber a obrigação militar e ter feito o 1º período da instrução de recruta.

Para ser 2º sargento, os cabos têm de prestar 60 dias de serviço, revelar-se aptos em provas orais, escriptas e práticas de redacção de partes e documentos militares, de comandos táticos e de tática até o escalão companhia, esquadrão ou bateria, de conhecimentos do armamento e equipamento e teoria do tiro, de leitura de cartas e orientação, das obrigações dos sargentos, das leis penais e serviço de companhia.

Os 2ºs sargentos que quiserem subir a 1º, devem ser aprovados nos três primeiros cursos de bacharelado, contar 90 dias de serviços em de bacharelado, contar 90 dias de serviço em contabilidade, topographia, problemas táticos de secção, comando tático de companhia, esquadrão ou bateria, tática, fortificação, serviços de companhia, hygiene, legislação e tiro.

A graduação de sargento-ajudante (sub-official) é conferida por antiguidade rigorosa.

Na Escola Central de Sargentos (Maia) adquirem os sub-officiais a aptidão precisa para ascenderem ao oficialato.

NOVA METRALHADORA

Em Coruña (Espanha), realizaram-se experiências com uma nova metralhadora inventada por don Gregorio Fernandez Arias. A arma dispõe de 50 canos, permitindo que se façam 3.500 tiros em um minuto, pois cada cano dará 70. O cone de dispersão permite bater uma frente de 1 km., formando uma cortina de projectis espaçados apenas de 20 centímetros.

A nova arma será servida por 5 homens, a distribuição dos cartuchos pelas diversas câmaras sendo feito automaticamente.

SERVIÇO POSTAL AÉREO

O governo francês abriu um crédito de um milhão de francos para a construção de um aeroporto destinado a fazer o serviço postal entre a França e a América do Sul, esperando-se que o aparelho fique pronto em começo de 1924.

ORGANISACAO DO M. G. E ALTO COM-MANDO (Italia)

Em tempo de paz, o commando do Exercito competirá, por delegação do soberano, ao Ministro da Guerra, que terá a seu cargo tudo quanto se refira á preparação organica e administrativa do Exercito e responderá perante o Parlamento.

Tres orgãos centraes o auxiliarão:

1º O Ministerio da Guerra, subdividido em gabinete do ministro; gabinete do secretario de Estado; Estado-Maior do Exercito.

2º A Comissão Suprema Mixta de Defesa Nacional.

3º O Conselho do Exercito.

A Comissão Suprema ficará encarregada de resolver, em tempo de paz, as questões mais importantes que se refiram á preparação da defesa nacional, devendo reunir-se, pelo menos, uma vez por mês.

Compõe-se dos seguintes membros: o presidente do Conselho de Ministros, os ministros da Guerra e da Marinha, os generaes chefes de exercito, os chefes dos Estados-Maiores do Exercito e de Marinha, os commandantes designados para uma força naval, em caso de mobilização, officiaes generaes e almirantes, a título de consultores. Dispõe de uma secretaria. A presidencia será exercida pelo presidente do Conselho de Ministros, tendo como substituto o Ministro da Guerra ou o de Marinha.

MAJOR SEBASTIAO LINO DE AZAMBUJA

Faleceu a 3 do passado, com a edade de 94 annos, o venerando riograndense major Sebastião Lino de Azambuja, membro de uma das mais distíctas famílias do Rio Grande do Sul e possuidor de uma notável fé de officio cheia de serviços á patria, na paz e na guerra.

Segundo a carreira militar, sentou praça em 1848 e logo em 1850 seguiu para a guerra contra o Uruguay, sob o commando do duque de Caxias. Em 1852 fez a campanha contra o dictador Rosas na Republica Argentina, servindo nos exercitos dos generaes conde de Porto Alegre e Urquiza.

Terminada essa ultima campanha, permaneceu tres annos em Montevideó, nas forças commandadas pelo general Francisco Felix Pereira Pinto, para a garantia do governo do general Flores, ali instituído pela monarchia brasileira contra o Partido Colorado.

Em 1865 seguiu para a guerra do Paraguay, como ajudante de ordens do conde de Porto Alegre, tendo feito toda essa campanha, desde o sitio de Uruguaiana, que assistiu como oficial ás ordens de D. Pedro II.

De toda a sua longa carreira militar tem uma fé de officio brilhante.

Retirando-se da vida militar, o major Lino de Azambuja exerceu diversos cargos civis. Foi colector federal em S. Leopoldo, secretario da Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana e mais tarde, násta capital, escrivão de orphelos.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Union Ibero-Americanana — Dezembro, 1922.
Revista Militar — Bolivia — Janeiro.
Hoje — Capital.

O Brasil — Capital.

O Marujo — Fevereiro.

Medicina Militar — Janeiro.

Anales de la Escuela Militar — Uruguay.

Revista de Ejercito y de la Marina — Mexico.

Revista Militar — Janeiro — R. Argentina — Janeiro.

Revista del Ejercito y de la Marina — (Mexico) — Janeiro.

Revista Militar (B. Ayres) — Janeiro — Fevereiro.

O Brasil (C. Fedefal).

Revista Maritima Brasileira — Fevereiro.

A Defesa (Pousos Alegre) — n. 2.

O Maraujo (C. Federal) — Março.

Hoje (C. Federal) — n. 212.

Revista del Círculo Militar (Perú) — Janeiro.

EXPEDIENTE

É nosso agente de annuncios nesta Capital o sargento João de Magalhães Carvalho, que está autorizado a receber as importâncias relativas aos referidos annuncios.

As dificuldades com que luta «A Defesa Nacional», em virtude do augmento extraordinário do preço do papel e da mão de obra, levam-nos á contingencia de suprimir algumas assinaturas gratuitas e pedir aos nossos prestatários representantes a fineza de regularisarem quanto possível as cobranças, com o que nos prestarão mais um inestimável auxilio.

ANNUNCIOS

Preços por semestre

1 pagina	100\$00
1/2 "	50\$00
1/4 "	25\$00
1/8 "	15\$00

Repetição (por semestre)

1 pagina	60\$00
1/2 "	30\$00
1/4 "	15\$00
1/8 "	10\$00

Pedimos aos nossos assignantes a fineza de comunicarem as mudanças de residencia, de se evitarem extravios da correspondencia.